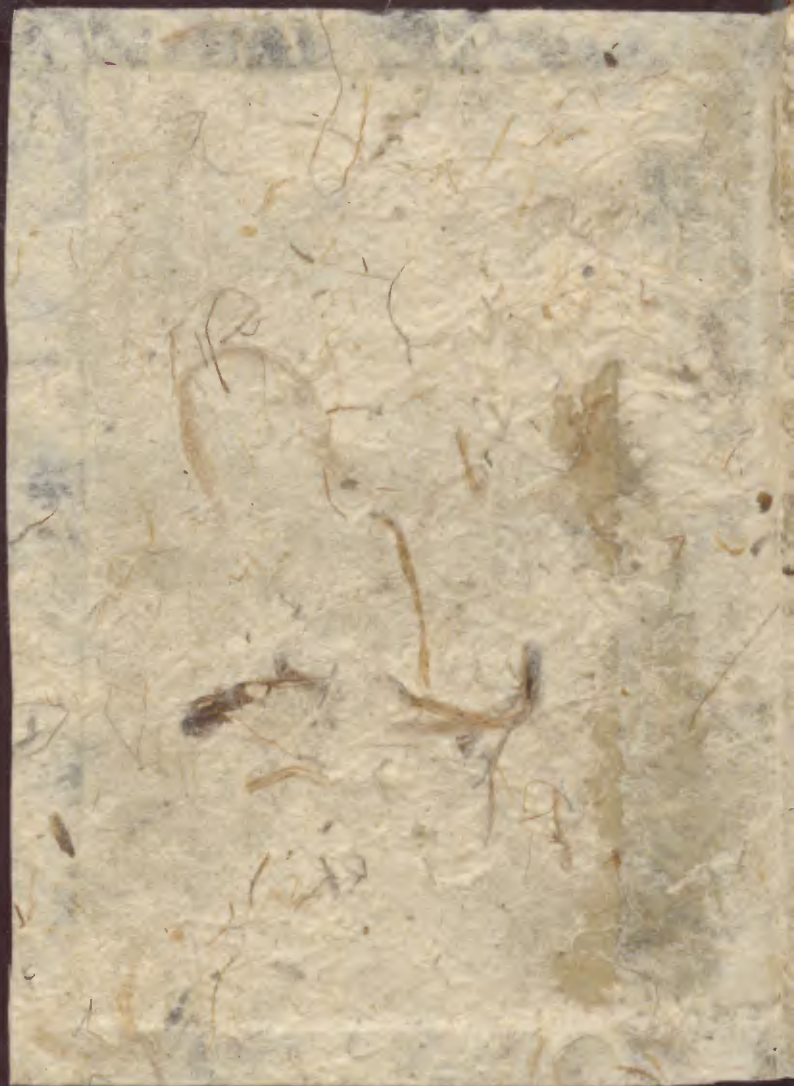


EXAMINADO



34.3-3 V.B.







D. NUNO PERES DE FARIA

OU

O CASAMENTO

DE DOUS FINADOS

ROMANCE ORIGINAL PORTUGUEZ E HISTORICO

POR

V. B.

Diogo de Vilas Boas

— Preço 120 reis —

BARCELLOS

LIVRARIA—VALLE

30—Rua do Duque de Bragança—30

—1896—



D. NUNO PERES DE FARIA

OU

O CASAMENTO

DE DOUS FINADOS

ROMANCE ORIGINAL PORTUGUEZ E HISTORICO

POR

V. B.



BARCELLOS

Typographia da Livraria VALLE

— 1896 —



0464



Barcelos
Fernes

D. NUNO PERES DE FARIA

OU

O CASAMENTO DE DOUS FINADOS

Meia legua distante da nobre e linda Villa de Barcellos, levanta-se o alcantilado monte da Franqueira, e n'um morro desse monte, para a parte do Poente, existio o famoso Castello de Faria, de que ainda se vêem os escombros, onde foram as muralhas, e cujas ruínas serviram para a edificação do Convento, que no meio da encosta do monte tinham os humildes filhos do Patriarcha d'Assis, pertencentes á provincia da Soledade (1). O nome do fundador deste Castello, e anno em que principiou a existir, já vão tão longe, que os olhos da historia não os podem alcançar: apenas os etymologistas se limitam a dizer, que o nome de *Franqueira* é derivado dos *Francos*, que, aportando por estas terras, ali fariam aquella fundação: seja porém o que fôr: no anno de 1103 era senhor d'esse Castello, rico d'annos e glórias militares, um nobre Fidalgo, chamado D. Pedro Eannes de Faria, casado com uma senhora de igual nobreza, chamada D. Ermesenda Pelais, proxima parenta dos reis de Leão e das Asturias: eram fructo desse consorcio D. Nuno Peres de Faria e, muito mais moço que este, D. Fernando Peres de Faria. Sabido é que não mui longe de Faria existia o Castello do Neiva, nome derivado desse rio, que junto d'elle corre: a sua antiguidade disputa parellhas com outro Castello; mas destes dous rivaes

(1) Vid. Chron. da provincia da Soledade, verbo-FRANQUEIRA.

dos seculos, nem ruinas já hoje existem! e das suas glorias e grandezas apenas encontramos dispersas memorias nas mesquinhas chronicas dos nossos descuidados maiores.

Era senhor do Castello do Neiva D. Mem Gonçalves, o Prudente, casado com D. Unisca de Chavão: deste consorcio tinham nascido, até ao anno 1103, D. João Mendes, D. Brites, e D. Vivilli; e muitos annos depois, como uma excepção da natureza, no tempo dado á fecundidade feminina, nasceu D. Sancha: todas eram formosas, e podiam bem chamar-se as tres graças do Neiva.

A proximidade dos Castellos, a nobreza das personagens, e muito interesse que todos tinham de viverem unidos, para melhor rebater em qualquer das muitas arrancadas, que os mouros continuamente faziam sobre as terras dos christãos, tudo concorria para que estas familias continuamente se visitassem, e até vivessem quasi sempre juntas.

D. Vivilli, a este tempo, filha mais nova de D. Mem Gonçalves, tinha todas as graças, e perfeições com que a natureza costuma enriquecer aquelles entes, que forma para servirem de delcote aos olhos, encanto das almas, e prisoões do coração. D. Vivilli, tinha quatorze annos, e D. Nuno dezeseis no anno de 1103, em que occorreram os successos seguintes. D. Nuno era formoso; tinha já nos seus tenros annos uma força herculea, talvez adquirida, ou augmentada pelos continuos exercicios do corpo, e o seu coração tinha a intrepidez e magnanimidade d'um heroe. Estas duas perfeitas creaturas, creadas desde a mais tenra infancia, em fraternal união, datavam as suas mutuas inclinações desde que a sua razão se desenvolveu, e lhes disse que existiam: a innocente amisade da infancia tinha-se convertido no amor o mais terno, e o mais extremo; mas este amor era puro como a virtude, tão suave e tranquillo nas suas doces sensações, como a pa-

cífica amizade, e só della se differenciava, por ser affecto entre pessoas de differentes sexos. Os dezeseis annos de D. Nuno de Faria só lhe tinham dito, que por meio do laço sagrado do matrimonio, elle podia ser feliz com a sua amada Vivilli: os desejos criminosos d'um amor des-honesto seriam para um Cavalheiro, como elle, a mais negra de todas as infamias, enfim, o amor de D. Nuno era em tudo como elle, honrado, e nobre. D. Vivilli era, em todos os sentidos, de igual sentir, que o seu amante: aquelles corações tão generosos, e aquellas almas tão nobres, parece que, ou foram modeladas pela mesma fórma, ou que a Providencia se empenhou, por esta vez, em formar o que é tão raro, dous entes de sentimentos homogeneos, a quem uma só vontade anima e felicita. Largo seria, e desnecessario é, contar os dias de não interrompida felicidade, que passaram os dous amantes, até que uma circumstancia, inesperada, veio fazer uma pausa nesse estado de ditoso encantamento, em que viviam os dous amantes.

Corria, como se disse, o anno de 1103, e o Conde D. Henrique, senhor de Portugal, movido de piedade e devoção, determina ir visitar os lugares santos da Palestina, aonde os Cruzados, havia pouco, se tinham estabelecido. Era nesse tempo a guerra da Palestina a palavra de todas as bocas, e o choque electrico que fazia palpitar os corações de toda a mocidade. A Europa inteira ardia em desejos de ir á Palestina matar e morrer em nome de Jesus Christo. Na terra em que um Deos de paz verteu todo o seu sangue para fazer que os homens se amassem como irmãos, é que a lança do enthusiasmo levava a morte a homens pacíficos, que não tinham outro crime, senão viverem em erros, talvez invenciveis, e não deviam ser conquistados senão com o estandarte da Cruz, e pela constancia, paciencia, e pregação, unicas armas que o Salvador entregou aos seus Apostolos, e mais for-

tes, e mil vezes mais efficazes que as lanças, e as espadas dos Cruzados: estas só poderam formar um pequeno e ephemero imperio de oitenta annos na Palestina, e a Cruz, sem guerras, nem pelejas, tem conquistado os mais bellos e vastos imperios do mundo, e a sua duração já vai em 1846 annos: mas emfim cada seculo tem a sua mania, que faz o seu caracter distinctivo: o seculo 11.º tinha o das guerras de religião. Os mesmos principes, que se armavam para esta guerra, chamada santa, sem duvida tinham tambem vistas politicas: os grandes senhores, Feudataes da Corôa, tendo de se cruzar, fazendo gastos excessivos, ou vendiam, ou empenhavam os seus feudos, e tornando-se pobres ou sem representação, a Corôa estendia, ou augmentava os seus direitos, ora justos, ora injustos; ora moderados, ora exorbitantes; e assim os grandes feudos foram pouco a pouco desapparecendo, e o poder dos reis fôï-se augmentando.

A mocidade nobre que nesse tempo não aprendia outra sciencia senão a do manejo das armas, nem tinha outra occupação senão a guerra, corre em cardumes á Palestina; quem não ia, tinha labéo de fraco. Os portuguezes é que menos contingente deram para esta guerra do ultramar; pois de portas a dentro tinham esses inimigos, que as outras nações iam buscar tão longe. Porém o Conde D. Henrique, francez de nação, cujos nacionaes tanto se empenharam nesta guerra, e parente, como alguns dizem, de Godofredo de Bulhões, chefe dos Cruzados, e Rei de Jerusalem, e além disto devoto e pio, não quiz certamente ter murmurado de não ir á Palestina, visto que Portugal, pela prudencia do mesmo Conde D. Henrique, e acobertado pelas armas sempre victoriosas, e grande nome de D. Affonso VI, Rei de Castella, e sogro do mesmo Conde, gozava d'uma paz octaviana: para calar a murmuração, e nutrir a propria piedade, determinou passar á Palestina, não como combatente, mas sim

como romeiro, acompanhado porém d'um séquito, qual convinha á grandeza da sua pessoa, levando alguns nobres mancebos, que quizessem ganhar nome pelas armas, ou adestrarem-se n'ellas, para depois servirem melhor á patria.

Como o Conde dava esta faculdade, muitos dos mancebos nobres trataram de se pôrem prestes para irem na companhia do seu Conde. Neste ensejo, D. Pedro Eannes de Faria julgou da sua honra e dever mandar seu filho D. Nuno na companhia do Conde, não só por civilidade e politica, mas tambem para que elle se instruisse nos costumes dos varios povos, que concorriam á Palestina; mas tambem para augmentar o lustre da sua familia e ter nome pelas armas, que descansadas na patria, não podiam ter exercicio: portanto chama seu filho, e lhe diz: — Nuno, tu bem tens ouvido contar, quantas lanças quebrei contra Mouros, no cerco de Toledo, em favor do famoso D. Affonso VI: o meu valor e feitos d'armas fizeram-me admirar não só dos Hespanhoes, mas até mesmo desses valorosos Cavalleiros Francezes, que tambem lá concorreram: desde esse tempo é que me conhece o nosso Conde D. Henrique, e sempre me estimou, e me teve em grande conta; elle, como sabes, vai agora á Palestina, como romeiro, e não como combatente; mas permite, e tem gosto, que alguns mancebos nobres o acompanhem, e lá fiquem combatendo, para deste modo darem novo realce á sua nobreza, e nome á nossa Nação; a paz e tranquillidade de que temos gozado, não tem dado lugar a combates, em que os nobres mancebos podessem mostrar o seu valor; tu já tens idade de levar as armas, e a occasião é esta propria de te mostrares, como nobre e valoroso, digno herdeiro do nome de teu pae: é preciso pois que te disponhas a acompanhar o nosso Conde: eu espero que tu estimarás ter esta occasião de te distinguires, de combater os inimigos do nome

Christão, e Deos me conserve a vida para te ver vir coberto de gloria e louros, pendurar as bandeiras tomadas aos Agarenos, junto daquellas que ali pendurei, e das outras que os nossos Maiores, para nosso estimulo, nos deixaram. Eu encommendei para a França a mais bella e completa armadura, que se possa lá fazer, ella chegará cedo; e a tua equipagem e séquito será digno do filho do Senhor de Faria. — Sahir do solitario e obscuro monte da Franqueira, viajar em mui diversas terras e climas, vestir ricas e brilhantes armas, figurar entre milhares de nobres de mui variadas nações; taes foram as primeiras e gratas idéas de juvenil e inconsiderada vaidade, que passaram pela mente de D. Nuno, em um momento tão rapido como o pensamento; mas logo o coração lhe disse — *Vivilli, deixar Vivilli!* — Tal foi a magoada voz do amor, e da saudade, que pela vez primeira veio perturbar a doce paz da sua feliz existencia.

Mudo e assombrado ficou D. Nuno com o irrevo-gavel preccito, e sérias reflexões de seu inexoravel pae: desobedecer-lhe era um crime; deixar de correr á gloria, ao campo da honra, era uma fraqueza; deixar Vivilli, a terna e encantadora Vivilli, era o maior de todos os tormentos que podia soffrer um coração amante, e tão extremosamente como o de D. Nuno! A separação, esta dôr que punge n'alma de quem verdadeiramente se estima, é sempre um sentimento notavelmente doloroso, mesmo entre aquelles que sabem que o amor tem seus espinhos, muito mais n'um coração noviço no amor, que pensava que esta suave febre d'alma não tinha syncopes, nem paroxismos.

Até agora D. Nuno só tinha gosado quantas delicias suaves o amor honesto pôde repartir; agora principia a saber que este tyranno dos corações mantém-se de lagrimas e soffrimentos. Não sabia D. Nuno o que havia de responder a seu pai: a sua posição era apertada; eis

que n'esse mesmo instante, toda a familia do Neiva, que vendo meio aberta a porta da sala, entrou de repente para dar aos seus amigos uma agradável surpresa.

Os olhos de Vivilli encontraram-se com os de D. Nuno; mas os de Vivilli, como ignorava tudo quanto se tinha passado, tinham todo o brilho do prazer; porém os de D. Nuno nadavam em duas fontes de lagrimas. Quando Vivilli vio tão decisivos signaes de tristeza, ficou como tranzida de morte. D. Nuno sáe da sala, e a sua amada o seguio, sem que os paes d'um e outro, á excepção de D. Pedro, fizessem algum reparo: e nem isto era de estranhar, porque desde os primeiros annos, sempre que queriam, assim o praticavam.

Silenciosos e pensativos, chegam os dous amantes ás ameias do Castello, d'onde, em magestoso panorama, se avistava Fão, a barra do Cavado e largo espaço de terreno até onde hoje é o Porto e o templo da Senhora da Lapa, bem como immenso espaço do tumultuoso oceano. — Vivilli, diz D. Nuno á sua amada, vês o mar? Em breve elle nos vai separar... e por largos annos... talvez para sempre!!! — Adejando, bem como a flôr no rigor da calma, Nuno desfallece junto d'uma ameia e da sua bella.

D. Vivilli, pelo que já tinha em casa ouvido fallar a seu pae, comprehendeu facilmente o terrivel sentido das entrecortadas expressões de D. Nuno; ella toma em suas mãos de neve a desfallecida cabeça do seu amante, chama-o uma e muitas vezes, aquecê com suas fervidas lagrimas as frias e lividas faces de D. Nuno: quer chamar alguem, que lhe possa ministrar soccorro, mas quem a pôde ouvir? Descer aos salões do Castello, deixar só em profundo deliquio o seu amante!... Não, não é possível! Ella introduz seu halito salutar na boca do seu amante e este halito suave parece que chamou á vida aquelle que só morria por amor. Tornado a si, recostado no

peito de Vivilli estava D. Nuno, quando as duas familias de Faria e Neiva subiram aos muros do Castello para gozarem da vista encantadora, que d'ali se desfructava.

Quando isto succedeu, era n'um dia do frigido Janeiro; o céu, côr d'um azul d'esmalte, parecia uma immensa saphira; todo o horisonte limpo de nuvens e de nevoas, offereciam á vista espaços incommensuraveis, cujo termo a vista não podia alcançar: os largos e dourados arcaes de Fão, aonde as ondas altivas e soberbas que bravam a sua furia, e depois de tanta arrogancia se tornavam em pequenos globos de humilde espuma: o grande oceano, como largo listão de azul celeste, mostrava nos pequenos bulicios das suas aguas, em que um sol puro reflectia os seus raios, pedaços de crystal quebrado e diferentes embarcações navegando em diversos rumos á vista de terra, davam um novo encanto a esta perspectiva encantadora; vista era esta tão formosa, que as duas familias a iam muitas vezes desfructar, e vindo assim praticar n'este dia, encontraram os dous amantes no estado que acabamos de descrever.

Extaticos ficaram todos, á vista do que entre todos se passava. Nuno e Vivilli não esperavam ser surpreendidos por seus paes, e estes não se persuadiam, que o amor da criação passasse em seus filhos a ser uma paixão violenta: aquelles reconheceram, bem que tarde, quanto os paes são imprudentes, quando consentem que as pessoas dos dous differentes sexos tenham demasiada liberdade de se tratarem, ainda que o parentesco, a amizade ou a criação pareçam justificar essas liberdades: os dous sexos teem tanta tendencia um para o outro, como o aço o tem para o iman: desconhecer esta invariavel lei é cegueira voluntaria, e sempre indesculpavel. E verdade, que os chefes das duas familias tencionavam unir Nuno e Vivilli, mas elles não queriam que a sua mutua amizade degenerasse em amor, sem se lembrarem

que tanta belleza, tão tenros annos e tanta liberdade são poderosos incentivos d'essa paixão, que muitas vezes nasce e cresce sem elles.

Ambas as familias conheceram o resultado da sua pouca vigilancia, mas já não era tempo de emendar o erro, senão dirigindo ao seu legitimo fim, uma paixão, que bom fôra não ter ido tão longe.

Qual é a causa do desfallecimento de D. Nuno, e da cruel anciedade de D. Vivilli? Elles amam-se; nem o cruel ciume os consome, nem o desprezo d'um mortifica o outro: são duas almas n'um corpo; porque será um tal deliquio? Diziam as mães dos dous amantes, totalmente ignorantes da conversa de D. Pedro com seu filho. As duas mães apressar-se em prestar os competentes soccorros a D. Nuno, bem que já tornado a si: e que valiosos não são os carinhos e cuidados d'uma mãe?

D. Nuno reforça-se, toma animo, e passeia. D. Pedro, para quem não era um mysterio a doença de seu filho, assim lhe diz: — Nuno, estás doente? Que grande mal tão depressa te accommetteu, e te obrigou a reclinarte no peito de Vivilli? — Breve era a pergunta, mas severa e delicada a censura. Vivilli tomou a palavra e disse: — Senhor, vim com vosso filho até ás ameias do Castello, como vêdes; D. Nuno disse-me: *Vivilli, vês o mar? D'aqui a pouco elle nos separará... talvez para sempre...* e de repente desfalleceu: fiquei tranzida com estas inintelligiveis expressões, mas ainda mais com o seu deliquio, que me parecia equivocar-se com a morte: passado pouco, D. Nuno recobrou os sentidos, e não deveis estranhar, senhor, que elle se encostasse para esta irmã de criação, a quem o trato de muitos annos permite liberdades, que ainda sem serem criminosas, a decencia não consentiria que se concedessem a algum outro: além d'isto, senhor, soccorrer, como pude, a vosso filho moribundo, não entendia que fosse um crime aos vossos olhos...

Vivilli olha para D. Nuno, e no seu rosto desfigurado lê a profunda afflicção de sua alma, mais afflicta do que antes, vira-se para D. Pedro, e lhe diz:—Senhor, peço-vos pelo amor de filha, como sempre me tratastes, que me digaes o sentido d'essas inintelligiveis expressões, que vosso filho me repetio, e que tanto o angustiam — Sim, cara Vivilli, eu te respondo: teu pae, como muitas vezes temos conversado, destina-te para fazeres a ventura dos dias do meu Nuno, e eu queria dar-te n'elle um esposo digno de ti; propuz-lhe que na companhia do nosso Conde, que está de partida para Jerusalem, elle devia partir para a Palestina, e ali, n'essa eschola da nobreza europeia, illustrar-se, em algum feito d'armas, pelo qual merecesse ser armado cavalleiro, pelo mesmo Godofredo de Bulhões, ou por algum outro cavalleiro de conhecida nomeada, para que depois voltando á patria, pudesse offerecer á filha do valente D. Mem Gonçalves, trophéos se não maiores, ao menos iguaes áquelles que ornam os seus salões. Um mancebo, que não tem outro merito senão uma fraqueza do coração, a que vós chamaes paixão, nem é proprio d'estes tempos, nem digno da minha Vivilli, filha d'um heroe, nem um presente que D. Pedro de Faria se atrevesse a offerter-lhe. D. Mem Gonçalves, que tinha estado até ali como mudo espectador, cheio de enthusiasmo diz: — Caro amigo, fallaste como honrado cavalleiro: eu tambem não casei em quanto não fui armado cavalleiro. Vivilli, não posso desconhecer o teu amor para o meu querido Nuno... — Aqui as faces de Vivilli tomaram a côr da rosa mais carregada, e rubicunda; seus olhos, cujo brilho era tão scintillante como o das estrellas, cobriram-se das sombras do pudor, e suas palpebras cadentes lhe impediam o luzimento; e como para desculpar, não o seu amor, mas sim a sua fraqueza, assim responde:—E' verdade, meu pae, que D. Nuno e eu somos da mesma creação, e a creação gera

afeições.—Este modo ambiguo de fallar, com que uma amante quer encobrir o seu amor, revelava, a seu pezar, toda a grandeza da sua paixão.

D. Mem Gonçalves, como quem não ouvira o que sua filha tinha dito, continua, virando-se para D. Pedro: —Na companhia do teu Nuno irá tambem o meu João; ambos virão sem duvida cobertos de gloria e de trophéos: eu tambem quero o meu filho armado cavalleiro lá na sagrada Palestina.

D. Nuno diz a seu pae, quando D. Mem Gonçalves tinha acabado de fallar:—Meu pae, eu não posso, nem devo desobedecer ás vossas justas determinações: eu seria um ramo degenerado do illustre tronco dos nossos antepassados, se duvidasse brandir a lança contra os inimigos do meu Deos e da minha patria; mas permiti, meu pae, que vos diga, que se tantos esforçados cavalleiros não foram á guerra da Cruzada, porque em casa tinham Mouros a combater, e como nós os temos tambem cá dentro das portas, e até se tornarão atrevidos e audazes na auzencia do nosso Conde, n'este caso são precisos braços fortes para os combater, e então sobejas occasiões poderão haver para eu me distinguir, e dar-vos assim ufania de serdes meu pae, e mostrar ao illustre D. Mem Gonçalves, que não desmereço a honra de ser contado como seu filho.

Calou-se D. Nuno, esperando a decisão de seu pae; e D. Vivilli, na alegria de seus olhos mostrou a alegria de sua alma, porque se persuadiu que as razões de D. Nuno convenceriam seu pae de que seu filho podia ser illustre cavalleiro sem deixar a patria, e a sua amada.

D. Ermesenda, que como nobre senhora, e de juizo mui atilado, e que juntava ao amor, proprio de mãe, o desejo da gloria de seu filho, advogou assim a causa dos dous amantes: —Meu Pedro, diz ella para o marido, o nosso Nuno tem razão: talvez bem cedo o nosso Portu-

gal lhe offerecerá occasiões de se distinguir: bem sabes o muito que se falla da pouca fidelidade dos Mouros de Cintra; e os das outras partes tambem não são de melhor fé: e quem sabe se na ausencia do nosso Conde elles se rebellarão? Se assim fôr, quanto não será gl'ioso para os novos cavalleiros poderem dizer ao Senhor Conde, á sua volta da Palestina:—Senhor, os Mouros quebraram os pactos e fé jurada; nossos braços os venceram e castigaram; ahi tendes nas páreas e despojos a prova do nosso valor.—E o nosso Conde, justo remunerador do verdadeiro merecimento, não deixará sem premio tão assinalados serviços, e ahi temos nosso filho honrado, sem sahir quasi dos nossos olhos: eu sou mãe, e o meu amor custosamente permite apartal-o para long' da minha vista.

Calou-se D. Ermesenda, e os dous amantes, em cujos corações este discurso dictado pelo amor maternal tinha feito nascer lisongeiras esperanças de se não separarem tão cedo, nem por muito tempo, aguardavam com sobresalto a decisão de D. Pedro.

—Querida Ermesenda; as razões que o amor de mãe te dicta, não tem escapado á minha meditação: eu sou pae, e sinto, como tu, no fundo d'alma, ver marchar o nosso Nuno para paizes tão remotos; porém o meu dever, a honra da nossa casa faz-me suffocar os sentimentos da natureza. O Senhor Conde fez saber a todos os nobres que teem filhos, que elles devem ir na sua companhia, como reforço aos Príncipes Cruzados; pois que elles sabendo da profunda paz que se goza em Portugal, e paz que a mesma ida do Senhor Conde attesta, muito estranhariam de o verem em terra inimiga, sem trazer braços para o combate; e demais, a Palestina é hoje a grande escola da guerra, é preciso ir lá aprendel-a; e o tracto da mocidade portugueza com os nobres de mil nações differentes, é muito util para a polir; e

quando voltar á patria poder dar-lhe a civilisação de que tanto precisamos. O estado actual das cousas não pôde offerecer, como julga, occasião favoravel para os Mouros se levantarem, os exercitos sempre felizes e victoriosos do nosso Rei D. Affonso VI em poucos dias aqui estariam, e para repellir o primeiro ataque bastam os velhos capitães, e os seus peões: ataques deste lote não podem dar lustre a novos cavalleiros ou áquelles que o pretendem ser: é portanto forçoso que Nuno se aprompte e marche.

Calou-se D. Pedro, e os dous amantes, como assombrados de raio, viram n'um momento desvanecerem-se as bellas esperanças, que o discurso de D. Ermesenda tinha feito nascer em seus ternos corações, a quem a saudade partia, ainda antes de auzencia. Mudos como as estatuas, olhavam-se mutuamente: e apesar de não fallarem, suas almas bem se entendiam, porque os amantes verdadeiros têm o segredo de entenderem sem fallarem.

Quando ainda estavam nas muralhas do Castello, lá se avistam ao longe dous homens, que para elle se dirigem: um pelo seu traje mostrava ser estrangeiro, o outro bem se conhecia ser homem do Senhor Conde: esta vista excitou em todos notavel curiosidade. Em breve o porteiro do Castello veio dar parte que estava alli um criado com um recado do Senhor Conde para o Senhor do Neiva, e que não o encontrando no seu Castello, para alli o encaminharam, e que portanto pedia permissão para lhe dar o seu recado. Entrou o homem do Conde, e consistia o seu recado em convidar a D. Mem Gonçalves, para que em breves dias fizesse apromptar seu filho D. João Mendes; o qual, bem que ainda novo, já podia jogar as armas, afim de o acompanhar á Palestina; e que lhe não tinha feito mais cêdo este convite, porque suppunha seu filho ainda mais novo do que era.

D. Mem Gonçalves, e toda a sua familia muito se

lisongearam do obrigante convite do Senhor Conde: D. João ia apparecer na Palestina, não como um simples aventureiro, mas sim como um nobre, digno de acompanhar o seu Principe, e de mostrar, á sua vista, as gentilezas do seu valor, para merecer a sua estima. O estrangeiro entrou e era um armeiro francez, que trazia a magnifica e rica armadura completa que lhe fôra commendada para D. Nuno: este francez, sabendo que muitos nobres se dispunham fazerem jornada á Palestina, trazia toda a quantidade de armas, para nellas traficar: a occasião foi opportuna para todos, a uns para comprarem e a outros para venderem. A armadura de D. Nuno era qual convinha a uma tão rica e illustre personagem, e digna de ser, como o era, a primeira prenda que D. Pedro dava a seu filho. A lança rompia o aço o mais firme, a espada cortava os elmos da melhor cimeira; o peitode de aço, o escudo, a saia de malha, tudo podia resistir aos golpes do proprio Hercules. D. Mem Gonçalves viu outra armadura quasi igual, gostou della, e comprou-a para o filho: todos ficaram satisfeitos, e o francez não ficou menos com o bom negocio que fez.

Nos dous Castellos de Faria e Neiva, tudo era agitação e aprestes, pois o dia fatal da partida estava batendo á porta. Os dous amantes insensíveis a todos os gl'os arranjos, passavam os dias em continuas conversações, e tanto sobre os seus amores, como dando e recebendo os mais solenne e repetidos juramentos da mais constante firmeza. Os animos do mancebo ora se incendiavam com o amor de gloria, e a abrazada e juvenil fantasia lhe affegurava combater exercitos, escalar praças, arrancar bandeiras da mão dos mais valentes, defender donzellas; enfim, tudo quanto as idéas cavalheirecas, que vagalavam no seu tempo, tinham de mais romantico e atrevido, tudo servia de pasto á brilhante imaginação de D. Nuno; mas todas estas idéas tinham por fim tornar-se

digno de ser o esposo de Vivilli, mas o peor é, que era preciso deixal-a para ser digno de a possuir... eis a idéa melancolica, que, qual negro fantasma, vinha perturbar as delicias dos seus sonhos encantadores. Vivilli, da sua parte, participava de todas as alternativas porque passava o espirito do seu amante: iguaes penas e iguaes glorias a entristeciam ou alegravam. A idéa de ter um amante rico de nomeada, coroado de louros, carregado de despojos, que vem depôr aos pés da sua dama, cuja mão só pede como recompensa de tantos perigos; esta idéa que altamente lisongeava o orgulho e a natural vaidade de qualquer mulher, muito mais incendiava a alma de D. Vivilli, que, filha de um nobre e de um grande guerreiro, só ouvia fallar em triumphos militares e fidalguias: e qual é a mulher que não tem usania nem vaidade? Emfim, os dias tinham corrido, e o da partida restava chegando; e como nesse tempo era costume darem as damas aos cavalheiros seus namorados alguma acifra, faxa, banda ou emblema, que servindo como de openhor da ternura e constancia da mesma dama, era tambem como uma materia electrica, cuja vista só incendiava o valor e brio do feliz cavalheiro, que possuia tão rico adorno: estes magicos presentes occasionaram muitos desses gloriosos feitos, que nós hoje ainda lemos com assombro, e cuja memoria se perpetúa nos brazões de armas de muitas familias nobres. D. Vivilli deu ao seu cavalheiro (D. Nuno uma faxa de seda, metade verde e metade branca, significando no verde a esperanza de o tornar a ver fido, e na côr branca significava que sua alma seria tão pura na sua volta, como o era agora na sua ida: esta faxa era atravessada por um passador de ouro, figurando os lous corações unidos, e em volta delles um circulo, como corôa, todos de amores perfeitos e perpetuas, cujas flôres eram de pedras da côr daquellas flôres: tal era o

rico presente que Vivilli fez a D. Nuno, para servir de incentivo da sua lembrança, e do seu amor.

Estava chegado o dia fatal, em que a politica, e talvez o orgulho e vangloria de Pedro de Faria, ia separar dous corações, que a natureza formára para viverem sempre unidos. Já ao roqueiro Castello de Gaya, fundação de errantes Gregos ou Fenícios, tinha chegado o Conde D. Henrique, o Bispo de Coimbra D. Mauricio, e a sua comitiva: adiante tinha vindo o Arceediago D. Tello, preparar quanto era preciso para a breve demora do Conde e daquelles que o acompanhavam. Apenas em Faria e no Neiva se soube esta noticia, e que a partida estava posta para o primeiro dia depois de 19 do corrente Fevereiro, em que houvesse vento de servir, tudo foram lagrimas, soluços e choros. As mães e os paes sentem a partida de seus filhos: e que diremos dos dous amantes? Bem que um ponto de honra suavisa a sua magoa, comtudo uma ausencia, e tão comprida, quando só o nome de ausencia bastava para os contristar; a ausencia, esta mãe cruel da saudade, esta agua nevada, que tantas vezes tem apagado o mais intenso fogo de amor, que se lisongeava de ser eterno, se apresenta aos olhos dos dous amantes, como um abysmo immenso que os vai separar para sempre: tristes e negros presentimentos assaltavam os dous amantes corações. Os ditos, sempre sinistros de uma velha de Laundos, terra afamada em feiticeiras, mulher de má cara e catadua, coberta de andrajos, que vinha muitas vezes pedir esmola ao Castello do Neiva, se avivam agora na lembrança da saudosa Vivilli. Esta velha meneando a cabeça muitas vezes costumava cantar, quando via Vivilli com D. Nuno, esta cantiga fatidica, de que os dous amantes não faziam caso, e até se riam:

Um vivo, que morto julgas,
Como morta te hade achar,

Ambos mortos, ambos vivos,
Vejo dous mortos casar.

Eram inintelligiveis estas palavras; bem desejava agora Vivilli saber a sua mysteriosa significação, mas a velha tinha morrido, e Vivilli tremia desse mysterio, que ignorava; semelhante áquelle, que no horror de um ermo se sobressalta ao cahir de uma folha secca, apesar de ter mil vezes encarado a morte sem amarellecer, assim Vivilli, que tantas vezes escarnecêra da roufenha voz com que a velha feiticeira cantava os seus vaticinios, agora delles treme, e cheia de cuidado quer-lhe advinhar o sentido. A cantiga fallava em mortos, e D. Nuno parte para terras longinquas, atravez de mares procellosos; e sabendo que ia entrar nas lides as mais teimosas, seu coração tudo teme, tudo receia, de tudo se assusta: as mais pequenas circumstancias eram thema das suas mais sérias reflexões; pois quem deveras ama, tudo teme, tudo receia a respeito do objecto amado.

Chega finalmente o dia 19 de Fevereiro do anno de 1103, dia fatal da partida dos dous jovens, afim de estarem prestes para embarcarem, quando fosse tempo. Apenas os dous jovens e seus paes chegaram a Gaya, á presença do Senhor Conde, este tratou a todos, apesar da magestade de Soberano, com a polidez e civilidade de um cavalheiro, e lhes fez todo o bom gasalhado e honras devidas a tão altas personagens. Não tardou que raiasse um dia, que imitava aos da mais amena primavera; o vento fresco era de servir; o sol claro deixava chegar a vista até ao ultimo horisonte, em que o céu parece pegar-se com o mar; os marinheiros subiam ás cordas, soltavam as vélas que uma aura suave brandamente enfunava, e ao som de buzinas e bellicos instrumentos, o Conde e todo o seu séquito subiram para um navio veneziano, que o Conde para este fim fretára; e sahindo

pela barra do sul, favorecido de mar e vento, levando e deixando saudades, em poucas horas essa alterosa embarcação parecia apenas um ponto escuro no meio das folgazãs e crystallinas ondulações do vasto oceano. Todos os espectadores vão deixando as eminencias e cabeços, aonde a largos olhos espreitavam a esteira do navio, e vão voltando ás suas casas, limpando os olhos, e espalhando as saudades, com as esperanças de noticias daquelles que ainda avistavam as ultimas eminencias dos montes da patria, que muitos deixam agora, para não tornar mais a ver.

Escusado é dizer-se, que logo que os dous filalgos chegaram aos seus castellos, as mães dos dous mancebos não cessavam de perguntar noticias de seus filhos e Vivilli do seu amante. A saudade, a tristeza, a negra melancolia, e quantos sentimentos dolorosos traz consigo a ausencia do objecto amado, todos estes sentimentos assaltam a triste Vivilli. Aquelles sitios, em outro tempo tão alegres e tão vistosos, perderam agora, aos olhos de Vivilli, toda a sua belleza e formosura, porque o sol deste horisonte está longe deste hemispherio. As silenciosas margens do Neiva são um novo pasto á chamma abrasadora, que consome o coração da triste amante; pois o deserto é o paiz do sentimento, e do amor; a solidão afaga, e a falta de objectos não permite distração.

Ainda o navio em que fôra D. Nuno, não tinha bem perdido de vista o elevado monte de S. Felix, já a triste Vivilli estava contando o tempo que faltava para ter noticias do seu amado; e este na sua embarcação não tinha outro allivio senão em pensar naquella que nunc d'elle se esquecia. Deixemos os dous amantes entregues á saudade, e vamos ver D. Nuno de Faria mostrar seu valor, e correr negros azares nos torridos areaes da Palestina.

Prospera foi a viagem, e os romeiros defensores d

Cruz em breve tempo appareceram na Terra Santa; e apenas desembarcaram, foram todos em procissão até ao Templo de Jerusalém, e os guerreiros prepararam-se depois para o combate. Festejada foi a vinda do Conde D. Henrique, não só pela qualidade da pessoa, mas por ser patricio do grande e novo Soberano de Jerusalém, e pelo grande soccorro que trazia; grande não no numero de gente, mas de grande valia pela qualidade das pessoas das quaes se esperavam gentilezas de valor. Chegarão os nossos Portuguezes, estava o exercito dos Cruzados em descanso, por haverem treguas com o inimigo; mas não tardou que este as quebrasse, e os combates começaram. Os Arabes julgando os Christãos descuidados, fizeram uma descida pela cidade de Joppe, e vieram, sem resistencia, talando as terras que occupavam os Christãos. Deu-se rebatido, sahendo as tropas, muitas mal armadas, e todas em desordem. O valente Godofredo pôe-se á testa dos Crusados, e os portuguezes fizeram uma companhia sobre si; e estes novos vindos pediram e obtiveram a honra de combater na vanguarda. Duro foi o combate: os Arabes eram tropa de élita, e vinham apercebidos; os Crusados, gente bisonha e moça, não tinham ordem nem disciplina e apenas apresentavam essa força bruta e colossal, que se fosse bem dirigida, podia fazer vacillar os thronos d'Asia; mas que muitas vezes foi destruida, menos pelo numero, do que pela arte dos seus adversarios. Era este o primeiro recontro em que entrava D. Nuno, e por tanto era esta a sua acção de estreia: apressado lhe batia o coração no peito mais de gosto que de susto: veste-se com as suas novas e brilhantes armas, cinge a banda que lhe déra a sua Vivilli, ah! e antes de a cingir, quantas vezes não beijou este talisman da sua ternura e do seu amor! Penhor querido, dizia elle, da mais bella de todas as damas, fiel representação dos mais intimos sentimentos da sua alma, que for-

ça me não inspiras ! Estes amores-perfeitos são o sym-
bolo do seu amor, que no emblema dessas perpetuas
attestam a sua duração ; tu és quem hoje me dás valor ;
tu és para mim uma arma mais forte do que esta espada
e do que esta lança. . Mais ia dizendo, mas as trom-
betas já chamavam para o combate ; D. Nuno monta
apressado num soberbo cavallo arabe, e colloca-se á
frente da companhia dos Portuguezes ; Godofredo de Bul-
hões, ao asião de o ver, notou o brilho das suas
armas, e ao aspecto e galhardia marcial. Apenas se
avistou o inimigo, D. Nuno mais valoroso, que prudente,
mette esperas ao ginete, enrasta a lança e entra pela van-
guarda do exercito inimigo ; o seu valor pasmou os seus
camaradas e os proprios inimigos ; mas nesta mesma in-
prudente valentia bem mostrava ser bisonho e inexpe-
riente na arte da guerra ; e se não fossem os mais fidal-
gos portuguezes, que por D. Nuno se expuseram á morte,
ella a sua vida ficaria opprimido pelo grande numero
de seus inimigos.—Vacillaram por um pouco os esqua-
drões Agarenos : o braço portuguez parecia multiplicar-
se, porque os golpes eram tão amiudados, que pareciam
mais que os braços. D. Nuno, á força de impavidez e
valor, já tinha aberto caminho até ao centro do exercito,
os seus o seguem : a esta resolução destemida, o inimigo
toma-se de susto, e nem sabe combater, nem fugir ; mas
logo que viu aproximar-se o exercito Crusado, larga o
campo, e foge em vergonhosa debandada, de modo que
o exercito Christão parecia ter sahido mais para ver ap-
plaudir a victoria de D. Nuno do que para combater os
inimigos.

O nome de D. Nuno, abrilhantado com o pasmo
que causou o seu intrepido valor, voava de boca em bo-
ca ; e o mesmo Godofredo de Bulhões, querendo dar ao
heróe mancebo um publico testemunho do seu apreço,
destina armal-o cavalleiro por suas proprias mãos, com

maior solemnidade imaginavel, e com outra quasi igual portuguezes seus companheiros. Magnifica, como nunca viu, foi a funcção; mas não sendo do nosso proposito crever estes festejos, vamos seguindo o fio, e nos conduzir ao nosso fim. Outros recontros teve também D. Nuno, e todos gloriosos, que também deixamos silencio.

D. Nuno e D. João Mendes tinham escripto ás suas familias, dando-lhes a noticia de todos os seus triumphos, a noticia que muito as alegrou, e mais as alegrou a noticia que lhes davam, de que estariam nos seus castellos, visto que o Conde D. Henrique só esperava noção para embarcar para Constantinopla, e d'ahi para Portugal, trazendo com elle todos os que quizessem voltar á patria.

D. Nuno e D. João, que moravam em uma formosa montanha nos arredores de Cesaréa, estavam-se fazendo estes para a jornada, quando em um dia, ao romper da manhã, as vastas campinas de Cesaréa appareceram cobertas de homens armados. Muley-Aben-Badur, governador de Cesaréa, e senhor de muitas terras e castellos das visinhanças d'aquella cidade, capitão experimentado e valente, tinha reunido forças muito consideraveis. para ver se por um feliz golpe de mão, podiaprehender os christãos, e recuperar Cesaréa. Os serenos, como leões enfurecidos, assaltam a cidade: os christãos desapercebidos e sobresaltados, sem ordem, e asi sem armas, acodem ás muralhas. N'uns o desejo de recuperar o perdido e a ambição da preza; e n'outros o amor da vida e o desejo da gloria, pareciam dar a uns e outros forças sobre-humanas. Aonde é maior o perigo, ahi acode D. Nuno, que pôde a tempo entrar na cidade; a morte vòta por toda a parte: o combate vai sendo demorado, e esta demora dá tempo aos Christãos se irem armando e despirem o terror pánico, que a

principio os assaltára. O valor supre o numero; os Cruzados já não parecem homens, mas sim leões embravecidos: armas de arremesso voam das muralhas, e a mureta vai dizimando os serracenos. O dia já ia declinando, o inimigo desesperançado de tomar a praça, volta com a cabeça e Cesarêa respira desaffrontada. Muito valor nasce de qualquer, quando o seu inimigo foge, e como os Agarenos fugiram, crescem os brios nos Cruzados; sahendo á praça a perseguir o inimigo. Inesquecível foi a mata de D. Nuno á semelhança de impetuosa torrente, que se precipita, e derpenha de alcantila as serranias, e desce com igual facilidade tanto o annoso carvalho como a humilde giesta, D. Nuno destróe com a mesma facilidade tanto o valente que lhe resiste, como o fraco que lhe cede. Imprudente valor o tinha feito alongar muito dos seus, de modo que só D. João Mendes, e alguns poucos mais destemidos e que cavalgavam melhos ginetes, ousaram seguir; e quando mais cedentes iam de sanfona, encontram-se com um trossão de tropa de reserva, que estava fresca por não ter entrado em combate e a ponta estava Muley-Aben-Badur. Eram ainda numero os inimigos, e a presença do seu valente chefe não permitia voltar as costas. Neste desigual combate effundiram os jovens cavalleiros conheceram, mas já tarde, que o seu chamado valor só merecia o nome de temeridade: retrogradar não era proprio de cavalleiros, e menos para os portuguezes: nenhum recurso lhe resta para salvar as vidas senão a força do seu braço; apertam na ponta as espadas, picam os cavallo, enristam as lanças e recam os inimigos: o temor e a necessidade redobram as forças, mas os inimigos são muitos; Badur os anima com o exemplo e com palavras; o pequeno numero dos cavalleiros anima os Agarenos: os inimigos combatem com valentia, e o pequeno esquadrão dos imprudentes cavalleiros ficou roto n'um instante.

D. Nuno, o valente e infeliz D. Nuno, opprimido dos inimigos, cae mortalmente ferido; D. João Mendes chega-se a elle n'um breve instante, em que os inimigos se reuniram para repellir um desesperado esforço dos outros cavalleiros. D. Nuno, traspassado de mil golpes, cae desfallecido, e apenas passado um instante, abre os olhos como procurando encontrar alguem; com os olhos embaçados já das sombras da morte, faz signal a D. João; e no meio de crueis e mortaes convulsões, fazendo um violento esforço, tira a banda que lhe dera a sua amada, entrega-a com a mão ensanguentada e tremula ao seu amigo D. João; e no meio de mortaes convulsões que quasi lhe embargam a voz, apenas pôde dizer-lhe — A' Vivilli. — Cac-lhe a mão desfallecida; uma nova e espantosa convulsão o faz tremer em todo o corpo, e os beiços lividos e enregelados com a frialdade da morte, pronunciam — Vivilli —, ficam abertos, e tremem por um pouco, parecendo querer pronunciar alguma coisa; mas nova convulsão se succede, e á convulsão uma pausa, que parecia ser a ultima pausa da existencia.

D. João, a quem o perigo e risco imminente não o permittia muitas demoras, julga que o seu amigo neste fatal paroxismo tinha exhalado o ultimo bocejo da vida; recebe a banda amorosa, monta a cavallo, e a custo alcança os seus, que a toda a pressa procuram recolher-se á cidade.

Já o sol tinha morrido no seu occaso, e a noite já começava: tanto os Christãos, como os Agarenos procuravam descanso e segurança. Os mortos tinham ficado ensepultos no campo da morte, a que a loucura chama o campo da honra; e os feridos, lutando com dores e angustias, invejavam o eterno somno dos seus camaradas, que já não sentem.

Muley-Aben-Badur, como ficára senhor do campo,

vai ao romper da alva gosar do barbaro prazer que lhe causa a carnificina da vespera; vai recolher os despojos, buscar os feridos, e mandar enterrar os mortos. Quando Muley-Badur chegou ao pé do corpo de D. Nuno, não pôde deixar de notar a riqueza da sua armadura e, querendo-a para si, mandou aos seus que o despiassem; quando estes o iam fazer, o movimento que lhe deram e a aura da manhã fizeram-no tornar a si, e elle deu um suspiro com que fez conhecer que ainda vivia. Badur, que apesar da barbaridade da sua nação, nada tinha de cruel nem deshumano, reparou no supposito morto; suas feições que através da pallidez da morte mostravam ser nobres e formosas e gentis, fizeram impressão no animo de Badur, e esta vista arrancou-lhe esta expressão:—«Quanto este Christão se parece com o meu Oscar!»—Badur tinha seu filho Oscar prisioneiro em Jerusalém, e captivar um mancebo tão nobre, como lhe parecia ser D. Nuno, era uma esperanza bem fundada de que podia haver uma troca, e seu coração pulava de contente; é por isto que Badur não mandou despir D. Nuno, antes tratou com todo o desvelo, chamou os seus physicos, e ordenou-lhes que tratassem aquelle captivo, como se fosse seu filho. D. Nuno foi conduzido para a tenda de Muley-Badur; ali os physicos examinam as feridas, julgam-nas perigosas, mas não decisivamente mortaes, applicam-lhes os remedios competentes, e dão esperanca a todos. Passaram alguns dias; o perigo diminuiu, e Muley mandou conduzir o enfermo ao seu forte e magnifico alcaçar, que distava d'ali algumas leguas; seguindo a sorte o seu captivo, e procurando-lhe na salubridade dos ares, o mais prompto restabelecimento.

O alcaçar de Muley era, não em povoado, mas n'um sitio tão encantador e formoso, que se podia ajuisar com fundamento que semelhante a esta seria a feliz moradia de nossos paes, quando foram innocentes. Em uma sua

ve e pequena elevação, que dominava campinas tão formosas como jardins, e tão dilatadas como o mar, cujos extremos o raio visual não podendo transpôr, as julgaria coladas com a orla do ceo, estava elevado o soberbo e formoso alcaçar de Badur: um ribeiro tão luzente como o crystal serpenteava por entre os seus pomares e jardins. Bosques, fontes, alamedas, arvores e plantas as mais esquisitas, e tudo quanto o gosto e pompa asiatica pôde reunir para ostentar luxo e deleitosos sentimentos, tudo ali se via reunido: foi para este palacio, que parecia edificado por alguma fada para deleitosa morada de algum principe seu amante, que Muley-Badur mandou conduzir D. Nuno, emquanto elle ficava occupado nas lides marciaes.

Zefir, que na lingua arabica significa — sol —, filha predilecta de Badur, estava só no alcaçar com escravas, e eunucos, quando chegou o Christão enfermo. Zefir, a quem com justa razão pozeram o nome de sol, porque a sua belleza a tornava mais formosa do que o mesmo radioso sol da Asia, era um composto de tudo quanto a natureza pôde juntar de mais bello, para formar um ente perfeito: nesta figura soberanamente bella estava encerrada uma alma inda mais bella. No seu coração de pomba ainda o improbo amor não tinha empregado os seus envenenados farpões: a existencia para esta feliz creatura era como um longo sonho de venturas, em que nem o passado, nem o futuro causam receio, remorso, nem incommodo; mas o acordar desta feliz somnolencia d'alma já não está longe; e quanto este acordar não será terrivel, quando a paixão é quem desperta!

Apenas chegou D. Nuno ao alcaçar de Badur, os escravos, segundo as ordens do seu senhor, começaram a tratar o enfermo com todo o cuidado e desvelo; e Zefir, apesar de mulher, não teve a curiosidade de ver o novo vindo; e tambem como seu pai estava ausente, não

julgou acertado visitar um captivo, com quem não podia fallar por ser christão.

Passado algum tempo, porque houveram tréguas por alguns dias, Muley-Badur veio ao seu alcaçar, para ver o seu illustre captivo, em que punha as suas esperanças de servir para o resgate de seu filho, e dar ordem aos seus negocios domesticos.

Já D. Nuno estava convalescido, e os physicos aconselhavam o passeio: Muley-Badur sendo informado disto, foi ao aposento de D. Nuno, e levou-o na sua companhia a passear aos seus jardins. O dia estava formoso; a estação era a das fructas e das flôres. Zefir, com as suas escravas, andava colhendo fructas para ornar a mesa de seu pae. Muley, ou fosse por acaso, ou pelo gosto de ver sua filha, ou enfim pela vaidade de mostrar a D. Nuno que era pae da mais formosa creatura que pisava o sólo da Syria, dirigiu o passeio por onde andava Zefir; ella estava entretida no seu gostoso trabalho, e por isso não percebeu a chegada dos dous passeantes, que pizando uma relva tão macia como o velludo, mal podiam ser sentidos.

Já se disse que Zefir não tinha ainda visto D. Nuno: a sua innocencia, a sua educação, e os preceitos da sua religião tinham obstado á sua curiosidade; e nem dos seus escravos se tinha informado das qualidades de D. Nuno.

O cavalleiro de Faria, para mostrar quanto prezava a honra, que lhe fazia seu senhor, e tambem por uma especie de vaidade de nobreza, e até de mocidade, vestiu-se para o passeio como se fosse para assistir ao solemne beijamão d'algum monarcha: D. Nuno tinha toda a sua mobilia, pois como Muley-Badur tinha ficado senhor da casa de D. Nuno, que, como se disse, ficava nas immedições de Cesaréa, mandou-lhe entregar tudo quanto lhe pertencia. Alto, gentil, magestoso, desemba-

raçado nos seus ademanos, que indicavam a nobreza da sua educação e da sua alma faces córadas, tez não mui alva, mas um pouco tostada; côr ordinaria de saude, e dos povos do Minho, cabellos castanhos claros; olhos vivos, cheios de alma, e energia; nariz bem feito, mas um pouco aquilino; boca mediana, e em tudo bella: tal era a figura de D. Nuno, que recebia um novo realce do seu vestido de seda aleonada, batida a ouro, com passadores do mesmo metal, um gôrro de velludo negro, bordado a ouro, e na frente uma alvissima penna de abestruiz, engastada em uma estrellá de brilhantes de grande preço, e exquisito gosto: tal o traje com que D. Nuno sahio a passeio na companhia de Badur, que tambem ia vestido no maior gosto e riqueza oriental.

Muley e D. Nuno chegam ao sitio aonde estava Zefir colhendo o fructo mimoso d'um damasqueiro; e Badur vendo que não fôra sentido, sorrindo-se diz:—Zefir!— e Zefir volta a cabeça, e sobressaltada de prazer, exclama:—Meu pae! . . .—N'isto dá com os olhos em D. Nuno, fica surprehendida por esta vista inopinada, e pela bella figura do gentil mancebo; o pejo lhe córa as faces, e a voz se lhe embarga na garganta. Seu coração palpi-ta, bate-lhe apressado no peito, e este estado, para ella totalmente novo, faz-lhe entender que o seu coração perdéra a feliz tranquillidade, de que até então tinha gosado a triste Zefir! ignora a causa do seu novo modo de existir, porém cedo o saberá! D. Nuno não fica menos surprehendido da pasmosa belle a de Zefir, do que esta ficára pelo vêr: sua boca ia significar-lhe a sua admiração, e os seus respeitos, mas o receio de se fazer suspeito a Badur, obrigou-o a limitar se a um breve cumprimento em respeitosas expressões.

Badur, que desejava ostentar aos olhos de D. Nuno todo o seu luxo e magnificencia, vai-o conduzindo pelo longo espaço do seu delicioso jardim; e Zefir, como alie-

nada e pensativa, foi-se recolhendo ao seu Harem. D. Nuno distraído em todo o passeio, não dava a menor atenção aos discursos de Badur, e aos encantadores sitios por onde ia passando: Zefir era a sua unica idéa, a sua bella figura, o unico objecto que a imaginação lhe trazia aos olhos; emfim, a fatal impressão que ella fizera na sua alma, arrebatava todas as suas faculdades.

Não achava D. Nuno outro antidoto para rebater os assaltos que a belleza de Zefir déra á sua constancia, senão repetir mil vezes—*Zefir, tu és formosa, mas não és Violla*. Como absorto em profundas cogitações, o cavalleiro de Faria volta ao seu aposento.

Deixemos D. Nuno e Zefir apaixonarem-se mutuamente, deixemol-os fazer a noite, unica confidente de seus amorosos padecimentos, de seus interiores combates, de seus ai's, e seus suspiros: vamos vêr as duas familias de Faria e Neiva.

Já vimos que D. Nuno de Faria ficou no campo da batalha, coberto de feridas, e desamparado como morto. Como os Agarenos ficaram senhores do campo da batalha, suppozeram os Christãos que os mesmos Agarenos sepultariam os mortos, como na verdade sepultaram; e por is o quando foi occasião de puderem sair, não trataram de saber noticias de D. Nuno, que julgaram enterrado, nem d'outros illustres cavalleiros, que com o seu sangue illustraram a patria, e o estandarte santo da Cruz.

Corria o anno de 1105; o Conde D. Henrique, com quasi toda a comitiva que levára, tinha voltado a Portugal, e D. João Mendes tornou para o seu Castello do Neiva, rico de honras, e portador de tristes novas. Antes da chegada de D. João, já as familias de Faria e Neiva, tinham tido noticia da infausta morte de D. Nuno, mas n'um tempo em que não havia gazetas, e as noticias eram sempre tardias, alteradas, e muito incertas,

e muito mais de terras tão longinquoas, e a falta de navegação, tudo concorria para fazer julgar que a noticia da morte de D. Nuno talvez fosse uma d'essas noticias vagas, que a falsidade inventa, e o receio acredita: n'estas cogitações estavam as duas familias nutrindo a esperanza, este ultimo sentimento dos afflictos, de que talvez a morte de D. Nuno fosse uma ficção ou engano. Quem sabe, dizia D. Mem Gonçalves á familia de Faria; quem sabe se D. Nuno se extraviou dos seus, ou se ficou ferido no campo; e os nossos, retirando-se, o julgavam morto, e depois elle appareceria: e, como não vieram mais noticias, esperemos que ellas venham, e certamente ellas nos serão satisfactorias.—Aqui contava o antigo Capitão varios successos iguaes a este, acontecidos no tempo das suas guerras, em que depois appareceram vivos aquelles que se julgavam mortos: estas razões consoladoras e plausiveis mitigavam a dôr das duas familias igualmente pesarosas, e faziam-lhes conceber um vislumbre de esperanza consoladora; só Vivilli, a desalentada Vivilli não achava nas razões do pae senão sophismas especiosos: os corações dos amantes costumam ser friveis, e o coração de Vivilli só antevia desgraça certa, aonde os outros ainda viam esperanças de ventura.

A chegada de D. João Mendes veio dissipar as tão mal fundadas, quam lisongeiras illusões. D. João contou fielmente tudo quanto se passou na morte supposta de D. Nuno: banhada em lagrimas o ouvia Vivilli; mas quando seu irmão lhe apresentou a banda fatal, tinta do sangue do seu amante, cahiu desfallecida, coberta do frio suor da morte: em todo o castello não se ouviam senão suspiros e tristes lamentos; e as duas familias, em vez d'um, contavam com dous lutos; mas o bom Randulfo, antigo e fiel creado da casa do Neiva, monta n'um ligeiro cavallo, leva outro á dextra, e corre a Barcellos a chamar Mesire Levi, physico afamado, que se dizia cor-

rer parelhas com o proprio Hippocrates. Chega o medico, empenha o seu saber, applica remedios, e enfim Vivilli torna a si, e tão desfigurada e fraca ficou do seu fortissimo ataque, que parecia voltar do paiz dos mortos á região dos vivos. Longa foi a molestia, e mais longa a convalescença, se é que se pôde chamar convalescença a um continuo estado morbido, e uma tristeza habitual.

Já nos vastos salões do castello do Neiva não se ouvia mais retinir a subida voz de Vivilli, acompanhada do seu bandolim: um ai, tirado do fundo d'alma, um suspiro mavioso e surdo, eram os unicos echos que interrompiam o profundo silencio que alli reinava; pois os mesmos paes de Vivilli, por muitas razões tomavam parte nos desgostos de sua filha: os senhores de Faria já não vinham tantas vezes ao castello do Neiva, nem os senhores d'este frequentavam tanto o de Faria; e quando as duas familias se reuniam era só para chorarem, e cpirem-se mutuamente. Tal era o viver d'estas duas familias na Europa; vamos vêr qual era o viver de D. Nuno no seu captiveiro na luxuosa Asia.

Ainda a estrella d'alva não tinha reflectido sua luz formosa e debil no cimo dos outeiros, e já Zefir costumava deixar o sofá em que dormia, para só e silenciosamente encostar-se ás grades da sua janella, olhando sempre fixo para o sitio aonde na vespera tinha visto passeiar o cavalheiro de Faria.— Quem será, dizia ella consigo mesma, quem será aquelle cavalleiro tão formoso, de porte tão nobre e magestoso, que parece ser o mesmo anjo da felicidade? Talvez o desejo de merecer alguma dama obrigarla a vir quebrar lanças contra os nossos! Seu coração sem duvida não é só d'elle... Triste e pensativo, e suspirando muitas vezes... ah! elle soffre, elle ama!! Se elle não amasse!! Mas não!! Ame embora... As nossas religiões prohibem unir as nossas sortes... elle é, como os seus, inimigo do nosso santo propheta,

e eu devo aborrecel-o.— Levanta-se, passeia agitada pelo seu aposento, torna á janella, volta para dentro, e nem sabe o que quer, nem o que lhe falta: ainda é ante manhã, e parece-lhe que as suas escravas tardam para a pentearem; deseja, e teme que ellas cheguem. Chegam as escravas e admiram-se de a verem tão cedo a pé. Zefir, como envergonhada, diz para Aben-Aja, ama que a tinha creado e sua escrava querida: — Como tão cedo vens hoje perturbar o meu socego? — Belleza dos astros, diz Aben-Aja, á tua escrava parecia que até já era tarde; talvez o condemnado Eblis, com suas artes malfazejas, viria incommodar-vos com sonhos assustadores: vinde ao jardim tomar o fresco da manhã, e talvez vos achareis melhor.— Como os amantes são sempre inquietos, e ora querem o que logo despresam, e despresam o que logo querem, e tudo os enfastia, a não ser a presença do objecto amado: Zefir, que ainda ha pouco aborrecia a presença de Aben-Aja, agora a quer e estima: sem dizer palavra, sae do seu aposento, e desce para o jardim.

Mais cedo que Zefir, já D. Nuno, a quem a noite parecêra o arremedo da eternidade, tinha descido para o jardim, acompanhado do seu guarda Zoleiman: este Zoleiman era um renegado, confidente de Badur, e de quem logo mais largamente se fallará. D. Nuno estava vestido todo de branco, e recolhido em uma casa formada de alvissimos jasmims e rosas d'Alexandria, mutua e graciosamente entretecidas; esta era uma das casas de fresco que estavam em varias paragens do jardim, assombradas por acacias e canelleiras, e por varias arvores das mais exquisitas do Oriente, o que tudo formava lugares de inexplicavel prazer e delicias. O chão tapetado de relva e pequenas flôres, que tudo imitava as ricas alfarrabagens da Persia, era humedecido por pequenissimos e

imperceptíveis arroios, que, como veias, levavam a frescura ás flôres e á relva: mil aves da mais brilhante e formosa plumagem, que vinham esconder-se dos ardores do sol entre as folhas daquellas arvores, pareciam pomos que pendiam das mesmas arvores: um jorro d'agua, que subia tão alto como as mesmas arvores e se desfazia como em chuva, servia de lhes refrescar as ultimas vergonteas; e os passarinhos, sendo d'ella salpicados, estavam alegres, espanejando-se aos mal quebrados raios do sol. Bancos de cheiroso cedro serviam de descanso a quem passeiava no jardim: em um d'estes bancos, na bella casa de fresco de que acima se fallou, estava sentado D. Nuno, conversando com Zoleiman, tomando o fresco em uma manhã de verão. Por um travesso de rua chega Zefir, e encara com D. Nuno, que estava na casa de fresco: este levanta-se, e ambos, como se fossem estatuas, ficam immoveis e pasmados: quem os visse, diria que eram duas estatuas de mão de mestre que o senhor do jardim ali tinha collocado para ornato de tão formoso sitio. Zefir não sabe o que fará; o sangue se lhe altera, o rubor lhe sobe ás faces, e o coração bate-lhe tão forte, que parece querer saltar fóra do peito: quer retirar-se, mas os pés se lhe pegam no chão; seu desejo é não sahir da presença do formoso cavalleiro, por quem tão longos insomnios tem soffrido; D. Nuno estava sobresaltado como Zefir, mas enfim rompe o silencio.

—Sultana das Flôres, diz D. Nuno, a vossa presença adoça a dureza da minha triste sorte; e quem pôde na vossa presença deixar de ser feliz? Os sonhos maus desta noite me obrigaram a vir mais cedo ao jardim buscar na brisa da manhã a frescura que restaura a vida; mas no feliz encontro que agora tive, em vez d'uma recuperei mil vidas: na vossa presença acabam os males e começa a ventura...

—Cavalleiro Christão, interrompeu Zefir, vós veri-

ficaes, no dizer dos vossos labios, o defeito que vos notam de serdes vós os europeus mui lisongeiros: ás damas da vossa patria podeis dizer tanta impostura; nestes paizes ditosoz reina só o sentimento e a verdade.

D. Nuno, soltando um suspiro, diz: — Sultana das Flôres, belleza sem igual da Asia, sabei que nos meus labios não assoma a mentira, e nem ella é precisa, quando faço o elogio da vossa belleza: vós excedeis quanto os olhos tem visto mais formoso e mais gentil; e se acaso em alguma cousa eu falto á verdade, é por não dizer todas as perfeições que vos adornam; mas o que os olhos veem e o coração sente, não o podem os labios dizer...

— Basta, diz Zefir; as vossas palavras são me suspeitas; mas mesmo quando o não fossem, nenhuma utilidade me resultaria d'ouvir as vossas lisonjas, ou, como lhe chamaes, sinceros elogios: íde fazel-os a essa dama europea, por quem de certos são os suspiros, que de continuo vos vejo exhalar...

— Bella Zefir, anjo do Paraizo, disse com impeto D. Nuno; sim, eu amo, eu suspiro... meus ais e meus suspiros dirigem-se ao ultimo ponto da Europa, mas vós, sultana formosa, tambem me arrancaes suspiros... Sim, eu suspiro, e com razão, suspiro por não ter dous corações, um para dar áquella a quem jurei nunca deixar de amar, o outro para vos offerecer; sim a vós, que sois a soberana dos destinos de quantos teem a dita de vos vêr. Vossa belleza tem feito vacillar minha constancia; quando fiz meus juramentos, não vos tinha conhecido...

Nisto chega um eunuco a dizer a Zefir, que seu pae tinha chegado do acampamento e que queria vel-a; Zefir partiu immediatamente, e assim por esta vez acabou este dialogo: outras vezes elle se repetiu, quasi sempre no mesmo sentido: isto é, Zefir como amante apaixonada e verdadeira, mas circumspecta; D. Nuno luctando a favor da sua primeira paixão, contra os ataques que lhe faziam a belleza, os encantos e as nobres qualidades de Zefir.

D. Nuno via sempre com pesar ausentar-se a bella Agarena. Desde que deixara as rusticas e solitarias margens do incognito Neiva, nunca belleza alguma lhe parecera tal: Vivilli, a sua cara Vivilli, essa cujo amor data com a existencia, jamais se ausentára do seu coração e da sua idéa; mas Zefir, essa formosura oriental, essa dama, reunião de todas as perfeições possiveis, tinha feito um certo transtorno nos seus pensamentos, não que elles tivessem outro objecto que não fosse Vivilli; mas Zefir não lhe esquecia, desejava vel-a muitas vezes, e seu coração palpitava só ao lembrar-se d'ella.

Os dias, e mui largos foram elles! os dias do captiveiro foram correndo; um anno succedia-se ao outro, e foi havendo certa familiaridade, e já se ajustavam dias e horas de se encontrarem no jardim; e á proporção que as vistas se foram multiplicando, crescia a paixão em Zefir e diminuia a indifferença em D. Nuno: o tempo, a distancia e uma longa ausencia são o gelo do amor; apesar de ser elle uma chamma, estes tres inimigos se o não apagam, como não poderam apagar no coração de D. Nuno, sempre minoram a sua cruel intensidade.

Um dia em que D. Nuno e o seu guarda Zoleiman estavam em um bosque de delicias, chega Zefir, senta-se ao lado de D. Nuno; e como Zoleiman andava occupado em colher pomos e flôres, Zefir vencendo o pudor proprio do seu sexo, pudor que sempre se vence quando se ama, assim começa:

—Cavalleiro da Cruz, já o tempo te terá mostrado, que tu não és indifferente á filha de Badur; tu és seu escravo, a sorte das armas assim o permittiu, mas a força do destino me fez tua captiva: de ti depende a liberdade de nós ambos. Ouve: vagas noticias correm, e as noticias más sempre são certas, de que meu irmão unico morreu no poder dos teus: o teu captiveiro e a tua sorte vão ser piores do que até agora tem sido, fico pois eu

herdeira de toda a casa de meu pae, e nós, ligando as nossas sortes, podemos fazer a felicidade de nossos dias: tudo depende do teu assenso.

Calou-se Zefir; e D. Nuno que de modo algum esperava semelhante declaração, ficou extático e mudo: na sua alma atribulada succediam-se mil differentes e oppositos sentimentos. Trocar o captiveiro pela liberdade, era um encanto seductor: riquezas immensas, estados dilatados faziam bem esquecer o apoucado castello de Faria, seu ermo e insignificante territorio: ter por consorte a maior belleza talvez de toda a Asia, que seducções, que encantos, que magico prestigio para o coração d'um mancebo já sobejamente inclinado áquella que tantos bens lhe offertava! Mas Vivilli? Os mutuos juramentos, as mutuas promessas! Viria elle á Asia para ser infiel áquella a quem na Europa jurára amor eterno, amor que na mesma Asia se vinha ennobrecer com nobres feitos de valor? Aquelle amor que nascêra no berço d'ambos, que se fortificára com o tempo junto ás margens do Neiva, viria morrer ás mãos da deslealdade, e do interesse nas poeticas margens do Jordão?—Não, dizia D. Nuno consigo mesmo no embate das suas paixões, não, nunca um filho de D. Pedro de Faria, nunca um cavalleiro como eu será capaz de commetter uma perfidia, a troco mesmo de todos os thesouros do mundo: ... não quero ser grande entre os barbaros, ficando ignobil entre os meus. Animo, coração! Vivilli, cara Vivilli, perdoa esta minha hesitação: hesitar na minha constancia foi um crime, mas eu vou já expial-o.

—Formosa Zefir, diz D. Nuno, os favores da tua grandeza exceedem as esperanças do teu escravo: mas sabei, bella Zefir, que eu não posso aceitar a inapreciavel offerta do teu coração, porque não posso dar-te o meu em troca. Uma dama do meu paiz, e que viu o dia pouco depois de mim, data o seu amor para comigo, des-

de o momento em que a sua frouxa razão lhe disse que existia; e o meu amor para com ella conta tambem a mesma idade: nossos paes esperam anciosos o dia feliz do nosso enlace: eu não posso faltar nem á minha palavra, nem á minha amante. Feliz e mil vezes feliz seria eu se podesse livremente dispôr do meu coração; mas deveres tão sagrados obrigam-me a não aceitar a maior de todas as venturas, que me offerece o mais perfeito de todos os entes, para ir na Europa cumprir a minha palavra. Sultana das Flôres, eu seria indigno de ti, se o interesse me fizesse fingir o amor; e se a minha sinceridade pôde ter algum merito aos teus olhos, e me queres fazer feliz, alcançai-me de vosso pae a liberdade de voltar á minha patria: as bençãos da minha familia e da minha amada. . .

— De tua amada! diz Zefir, da tua amada! Não, cavalleiro, não: nunca Zefir concorrerá para que tu me dês uma rival. E pôde-se lembrar que foi outra voz diferente da do amor quem te propoz o nosso enlace? E pôdes, inconsiderado cavalleiro, pôdes lembrar-te que a filha de um príncipe, que teve a fraqueza de querer engrandecer um escravo, desça até á baixeza de dar o seu amante aos braços de uma rival? A prova mais decisiva de que eu te não amava, era condescender com o que me pedes: não, D. Nuno, eu não concorrerei para o teu livramento: serás sempre meu escravo, embora não sejas meu amante: pensa bem em tudo o que te propuz, e depois que a reflexão te ensinar quaes são os teus verdadeiros interesses, serás menos caprichoso.

Dito isto, Zefir ausentou-se. D. Nuno só com Zoleiman ficou pallido e meditabundo; com os olhos fitos no chão, repetia com amargo acento estas ameaçadoras expressões de Zefir — *Eu não concorrerei para o teu livramento, serás sempre meu escravo.* — Sempre escravo! repetia muitas vezes o consternado D. Nuno. Zoleiman, que até

ali o tinha mudamente contemplado, chegou-se a elle e assim rompe o seu silencio :

—Cavalleiro de Faria, tempo é de mostrar tal qual sou, e não qual te pareço. Em mim tu vês um renegado; mas este signal (e tirou do peito uma pequena cruz de ouro em que estava cravada uma imagem de Christo do mesmo metal), este signal divino assaz te patentêa, que adoro, como tu, este que morreu por nós : agora já vês que sou christão, que podes ter confiança em mim, apesar das tristes apparencias em que me vês, a que uma forte razão me obriga, como tu já vais saber. Eu vou confiar-te o maior segredo da minha vida, do qual depende o teu e meu livramento : no decurso dos annos que aqui estás, tenho estudado o teu character ; e procurar sondar até que ponto chega a tua honra ; tenho-te achado em tudo nobre, e por isso te escolho para me ajudares a levar ao fim o grande projecto que ha muito tempo medito : não obstante porém o bom conceito que de ti fôrmo, exijo, que como christão e como cavalleiro, me promettas guardar o mais inviolavel segredo a respeito de quanto vou communicar-te.

—Sim, diz D. Nuno, pelo sangue precioso com que um Deus Salvador remiu o mundo, pela honra de meu pae e minha, e á fé de cavalleiro, eu te prometto guardar o segredo que de mim exiges, não sendo para encobrir accções vis ou criminosas.

—Pois bem, diz Zoleiman ; saberás, meu D. Nuno, que eu nasci nas Asturias, de uma familia abastada, e que não blazonando de ter por tronco D. Rodrigo ou D. Pelaio, contudo não era da raça dos plebeus ; meu pae era cavalleiro, e eu o era tambem ; meu nome é D. Ingo Gonçales. As nossas terras estavam nas cercanias do castello de D. Pedro de Cortijos, nobre senhor, por se dizer parente em linha collateral, do principe D. Pelaio, altivo, orgulhoso, valente e insupportavel aos seus

iguaes, e tyranno com os seus inferiores, mas adulator e vil com aquelles de quem dependia; nós eramos muito mais ricos do que elle, mas não tínhamos nem a sua vaidade, nem a sua nobreza. Este senhor tinha uma filha formosa e linda, mas tão orgulhosa e altiva como seu pae: como nós eramos da mesma idade e visinhos, e eu costumava todos os dias ir para o seu castello brincar com seus irmãos e com ella, fomo-nos inclinando um para o outro: chegados à idade em que nascem as paixões, em mim nasceu a do amor e em Elvira a do fingimento e da impostura; e levou-a tão longe, que se fingiu apaixonada, e certificou-me que era amado; fui tão fraco, que assim o acreditei, porque ella sabia como todas as mulheres affectar o papel de amante. D. Pedro de Cortijos, que com as suas extravagancias se havia tornado pobre, tinha muitas precisões e poucos meios de as satisfazer; ia cortejar meu pae e importunal-o, e este sempre o remediava. «Gonçalo, dizia D. Pedro, tu não és cá da minha casta; tu não és rico homem nem infancão; porém não és peão; tens militado no foro de cavalleiro, já te vaes chegando aos nobres; tens-te distinguido na guerra e teu filho tem feito experimentar aos mouros quanto peza o seu braço e como é aliada a sua espada: eu em breve vou á côrte, exporei a El-Rei, meu primo, quanto convem ani nar com graças, jovens de tal tempera; e por informações minhas e até para me obsequiar o rei fará teu filho pelo menos seu vassallo, e então poderemos casar o teu Inigo com a minha Elvira: como és bastante rico, debes desempenhar a minha casa, e se alguém reparar nesta alliança, como o dinheiro cobre tudo, eu não fico deslustrado; todos sabem pelo que foi e eu fico desempenhado e teu filho fica chegado aos nobres.» Meu pae, homem chão e desmaliciado agradecia muito a D. Pedro estes suppostos favores, que só mereciam as mais asperas e severas reprehensões. Eu e D. Elvira ouviamos

muitas vezes estas conversas; e como ellas favoreciam a
 minha paixão, bem que fariam o meu pundonor, saltava
 de contente; e a impostora Elvira parecia tomar parte
 no meu prazer. Quantas vezes essa perfida, vil e fementi-
 da, me dizia: «Querido Inigo, quanto sinto ser filha do
 senhor de Cortijos e Bierço. Quanto me não julgaria mais
 feliz em ter nascido de um peão, que vive sem nome,
 escondido nos tugurios, do que ter nascido no castello de
 meu pae e viver sem ti! Então nada, senão a minha po-
 breza, obstará ao nosso consorcio: minha virtude e meu
 amor me serviriam de riquezas: como tu és generoso
 não queres de mim outros bens para ser tua consorte,
 senão a firmeza do meu amor. Não é assim querido Ini-
 go?» Apertava-me a mão entre as suas de neve, e pa-
 recia desolar-se em pranto. Eu acreditava sinseras as suas
 expressões, e quem não as acreditará! Mas a impostora
 tinha aprendido com o pae perverso a ser refalsada. Eu
 desfazia-me em finezas; repetia-lhe as esperançosas pa-
 lavras do soberbo e mentiroso Cortijos e todos os dias
 esperava que fosse á côrte tractar dos seus negocios e da
 nossa ventura, mas o dia nunca chegava. Neste entanto
 appareceu nas Asturias D. Raymundo, conde de Tolosa
 e S. Gil, e um sobrinho seu, que vinham juntar gente
 para irem na primeira expedição para a Terra Santa.
 Estes dous senhores foram pousar ao castello do senhor
 de Cortijos. Mr. de Linhé, sobrinho de Raymundo, era
 um cavalleiro esbelto, formoso, com todo o desembaraço
 proprio dos militares e dos francezes, e pouco mais velho
 do que eu: este cavalleiro era tão occupado do amor,
 como da guerra. A infiel Elvira, apenas viu Linhé, des-
 prezou-me! O francez leu facilmente nos olhos de Elvira
 os ternos sentimentos da sua alma: fez a sua declaração
 amorosa, e foi attendido; e nem soffreu da perversa aquella
 primeira repulsa, que toda a mulher, ainda a menos pu-
 dica, costuma dar ao homem que tão cedo se atreve a

dizer-lhe que a ama. Linhé disse que a amava, e a resposta foi que era também amado. Esse francez aventureiro abusou da hospitalidade... roubou Elvira, marchou para França e ambos embarcaram para a Palestina nessa primeira expedição dos primeiros cruzados. D. Nuno, diz Zoleiman, se acaso tens amado, considera qual seria o desgosto do aviltado Inigo! sem a amante e desprezado, tragando toda a amargura d'uma aleivosia e traição, feito a fabula do publico, a quem os nossos amores eram patentes! Ferido no meu melindre e amor proprio, bramindo de raiva e sem poder satisfazer-a... ah quantas amarguras e desesperação pode offerecer a um infeliz, todas eu traguei... e sem queixar-me senão ao céu e á terra, porque os homens mofavam de mim e em ninguem achava sinceridade ou allivio. Largo tempo meditei que vingança tomaria: mas aonde encontrar as minhas victimas? Lembrei-me enfim vir á Palestina a ver se cá encontrava os dous amantes fugitivos e poderia vingar-me de ambos. Se eu me alistar, tinha planejado, se eu me alistar na tropa dos Hespanhóes e Godos, que pertencem ao commando do conde de S. Gil, facil me será saber onde está o sobrinho e a sua dama: o tio levou a mal a acção do sobrinho: mas de certo já estarão congraçados, porque o furto d'uma mulher não é crime de grande monta aos olhos d'um militar; se encontrar os dous amantes, procurarei lavar a minha affronta no seu impuro sangue, e se não fôr feliz no resultado da minha empreza sempre terei o gosto de morrer vingando-me.

«Com estas idéas embarquei-me como romeiro para a Palestina, e procurei alistar-me na divisão dos Hespanhóes; com effeito, Linhé commandava um troço d'esta tropa, mas eu busquei não pertencer ao troço do seu commando: fingi que por voto rapára as barbas, e assim fiquei mais desfigurado, e por isso não era facil reconhecer-me, e como eu não pertencia ao commando de

Linhé, não podia ser notado entre milhares de combatentes um mancebo sem nome, vindo, ha pouco, das mal conhecidas montanhas das Asturias. Algum tempo se passou todo consumido em marchas, contra-marchas, e no bulicio das armas, e por isso não podia inda bem saber quanto desejava; até que afinal vim a saber que D. Elvira seguia Linhé por toda a parte, e com elle estava na mesma tenda, quando as tropas estavam acampadas. Era isto o que eu pretendia saber, e então só me faltava a occasião de pôr em pratica os projectos da minha vingança, e não se passou muito que ella se não proporcionasse.

«Estavamos acampados nas immedições de Bethlem; o inimigo estava-nos flanqueando, e todos os dias de manhã cedo era preciso sahir ao campo uma força consideravel para o desalojar das posições que tomava durante a noite. Andava eu de alcatéa, espreitando quando Linhé sahia á frente da sua tropa: chegou o dia por que eu tanto suspirava. Linhé sahio em uma descoberta, á frente da sua tropa, e á sua tenda ficou de guarda um gallego, com quem eu tinha algum conhecimento: como elle não suspeitava nada de mim, foi-me facil persuadil-o a que me deixasse entrar, fingindo trazer ordens particulares de Linhé para a sua dama: o inimigo appareceu hoje em grande força, lhe disse eu; quem sabe qual o resultado do combate! Por isso é preciso prevenir D. Elvira para qualquer triste e imprevisto successo. Em vista desta minha ficção, que tinha todos os visos de verdade, o gallego não duvidou em deixar-me entrar, e até estimou que eu entrasse para elle dormir a somno solto, e resarcir-se da vigilia da noite, que tinha mal passado. Entro na tenda, desembainho um punhal, e vendo D. Elvira deitada no leito do meu rival, todo o sangue se me altera e sobe ao rosto; o coração bate-me apressado no peito ancioso, eu tremia de raiva em todo o corpo.

«D. Elvira dormia, e eu, levantando a voz disse-lhe:

«Mulher infame, conheces o homem a quem tão perfidamente trahiste?» D. Elvira, sobresaltada, abre os olhos, fita-os em mim, como procurando affirmar-se para me reconhecer.—«Sim, digo eu com voz alterada, sim, sou D. Inigo, aquelle . . .» A estas palavras, a orgulhosa, pensando talvez estar no seu castello de Cortijos, diz-me com toda a altivez: «Quem te deu a ousadia de penetrar, a estas horas, na tenda do senhor de Linhé? Misericórdia, aparta-te d'aqui, foge d'este lugar, para onde nem sequer debes olhar: retira-te já, e reconhece como um favor o eu conceder-te a vida; mas se tiveres segunda vez igual audacia, farei que a não possas ter terceira.»

«D. Elvira fallava assim tão arrogante, porque, sem duvida, não havia reparado para o punhal que eu tinha na mão: talvez ella se persuadissemos que eu vinha exalar queixumes, e exprobar-lhe com amoroso sentimento a sua antiga infidelidade; e como me julgava desprezível por não ter, como ella, a bem ou mal fundada vaidade de descender do sangue dos Godos, que descenderia até à baixeza de lhe pedir a continuação do seu amor: contudo, seu rosto e voz notavelmente se alteraram, quando, chegando-me para o leito, levanto o braço, e ella me divisou empunhando o ferro vingador e mortifero: a ingrata tremeu, ficou espavorida, os beiços se lhe contrahiram, e não pôde articular palavra: eu então lhe disse —Mulher infame e desleal, não quero que me concedas a vida, eu venho buscar a tua, e no teu vil sangue vingar a minha affronta: reconhece-me bem, reconhece D. Inigo, a quem longo tempo enganaste, e por fim trahiste: d'aqui a poucos instantes já não existes: e sabe mais, que teu vil amante em breve te vai fazer companhia. Se não nasci do sangue Godo para te merecer, a natureza me dotou d'um coração nobre para me saber vingar: morre, infame.— E cravo-lhe no coração fementido o punhal assassino: Elvira deu um ai, e deixou de existir»

«Tratava eu de sahir da tenda, mas no mesmo instante entrou Mr. Linhé: pois como o inimigo se tinha retirado, elle deixou o seu segundo, e a tropa em observação, e adiantou-se. O gallego que estava de sentinella, como disse, entregou-se ao somno, e Linhé entrou sem o accorder, e por isso não senti a sua chegada senão quando entrou na tenda: apenas entrou, olhou para mim cheio de colera, julgando-me talvez algum rival, a quem, na ausencia d'elle, a sua infiel amante ali introduzira furtivamente; mas lançando os olhos para o leito de Elvira, viu-o todo ensopado em sangue. Ah! meu D. Nuno, não é facil descrever as violentas paixões d'alma, que lhe assomavam no rosto, apenas viu morta D. Elvira: furioso e delirante, desembainha a espada e corre sobre mim, mas eu já tinha tambem desembainhado a minha, e apa-rei-lhe o golpe: então me diz elle: «Vil, atrevido, e infame cavalleiro, se acaso o és (elle não me conhecia); que audaz intento te levou a commetter uma acção tão feia? Vinhas sem duvida abusar de D. Elvira; ella repelliu-te, e tu, miseravel, assassinastel-a?»—Não, cavalleiro, lhe disse eu; D. Elvira devia-me uma divida, que tu ajudaste a contrahir; vim buscal-a, pagou-me a sua quota, e tu em breve vaes pagar-me a tua: prepara-te, que vou no teu sangue lavar a minha injuria; prepara-te e combate.—«Não o duvido, diz Linhé, mas declara-me primeiro esse mysterio, que não comprehendo.»—Não duvido fazel-o, disse eu; escuta: D. Elvira era minha visinha nas Asturias: desde o berço disse que me amava, e eu amava-a com toda a finura do amor; seu pae tinha-m'a promettido em casamento, quando tu e teu tio chegastes ao seu castello; tu seduzistel-a, roubaste-m'a, e com ella a minha honra; honra que só o teu sangue me póde restituir: quanto a mim, o morrer ou viver é-me indifferente: se morrer, morro contente, pois morro buscando a honra, se te matar; a tua morte será

uma expiação devida ao ultraje, que me fizeste: eia, empunha a espada e combate comigo, que, como tu, sou cavalleiro

«Linhé aperta a espada, e põe-se no recto; eu fiz o mesmo. A vista de Elvira morta, infundia em nós ambos bem oppostos sentimentos, que muito influíam nas nossas forças corporaes: Linhé via a amante morta, e esta vista desanimava-o, alligia-o: o ter em frente o assassino da sua dama, enchia-o de colera, e desejos de vingança; mas a rasão mostrava-lhe, que esse assassino era um amante justamente offendido: o conhecimento do crime que commettera, fazia-lhe nascer o remorso, que, lhe ralava o coração, e lhe afrouxava o braço. Quanto a mim a vista d'uma infiel, sim, d'uma infiel, mas que fôra o meu primeiro e unico amor, e a quem a fraqueza do seu coração queria achar desculpa na fraqueza do seu sexo, e na seducção do seu amante; essa amante que eu não podia esquecer, apesar dos motivos que tinha para aborrecel-a... ver-me vingado, sim, mas ter perdido o meu primeiro amor, e ver diante dos olhos a criminosa causa de tantos males... ah! tudo isto me encolerisava, tolhia-me a razão, dava-me e augmentava-me as forças: em um dos accessos do meu furor dirigi um golpe a Linhé, abri-lhe a cabeça até ao queixo inferior, e elle cahiu a meus pés. Como o nosso combate foi breve, e sem mais ruido que o das espadas, que muitos tomariam sem duvida por brinco ou exercicio, que então muito se usava; e como poucos soldados estavam nas tendas, por se achar o exercito no campo, pude sahir da tenda, sem que alguém suspeitasse o funesto transe, que acabava de succeder, atravessasse o acampamento, e fugi á ventura e sem destino, evitando as terras e encontro dos christãos.

«Andei, ou antes, corrii todo o dia, procurando entranhar-me pelas terras dos sarracenos. O cansaço e o remorso tinham-me extenuado as forças; já quasi no fim

do dia encontrei nas terras dos sarracenos uma fonte, da qual sahia um regato, que logo ali formava uma presa; bebi d'aquelle agua fresca, com que por um pouco recuperei as forças. Ali, sentado e solitario, meditei profundamente na funesta acção, que praticára e na triste situação em que me achava.

«Inigo, dizia eu a mim mesmo, Inigo, que fizeste? Que feia é a vingança! Que tyrannas são as paixões! Quanto melhor te fôra ficar nas Asturias, esquecer no lar e paz domestica a perfidia d'uma mulher, cujo sexo é essencialmente inconstante, do que transpor mares, arrostar perigos para seres assassino, e veres-te ralado de remorsos! Sem patria e sem parentes, foragido em terras de inimigos, que será de ti desgraçado? Para onde irás; e com quem? O crime e o remorso são os teus unicos companheiros que te perseguem por toda a parte! Perdeste a patria, os paes e os amigos, para fartares uma vingança e seres assassino; agora para salvars uma vida criminoso, precisas perder a alma, e fazeres-te Mahometano... Que desgraça! Hoje assassino e amanhã apostata!... Triste Inigo, agora conheces o quanto é certo que um crime acarreta milhares d'outros? De que te serviu vingares-te? Tu, julgando fazer mal aos outros, só em ti é que te vingaste, porque só tu é que padeces! E quando acabarão os teus padecimentos, se elles inda agora principiam? Quanto melhor te fôra entregares ao desprezo uma mulher desleal? O que ella praticou contigo, praticaria com outros muitos e no desprezo com que todos a tratariam, encontravas, sem ter remorso, o seu e o teu vingador! Teu coração folgaria vingado e innocente, e agora gemes culpado, coberto da negra mancha de teres assassinado uma mulher! E quem te disse, Inigo, que esse francez te offendeu? Elle seduziu Elvira, é verdade; mas era estrangeiro, esteve no seu castello poucos dias, saberia acaso que tu a amavas?

«Mas ah! porque não fiz eu estas tardias reflexões enquanto tinha tempo? E de sobejo o tenho eu tido; agora só me resta o remorso... e por uma cadeia de crimes encobrir o primeiro crime. Creio que por algum tempo fique desfallecido, porque só tornei a mim ás brandas sacudidelas que me deu um rapaz arabe, que vinha n'aquella repreza dar de beber ao seu gado. Tornado a mim, e todo sobresaltado, perguntei-lhe: «Rapaz, aonde moram teus paes? Eu quero que lá me conduzas, porque preciso muito fallar com elles.»—Christão, diz elle, se vens de paz, eu te levarei a meus paes, se vens de guerra e vens roubar, vai-te embora, leva o meu gado, e não venhas fazer mal a meus paes e a meus irmãos, que encerrados nestes bosques, nunca tomaram armas, nem fizeram mal aos teus.—«Não, rapaz, eu não quero o teu gado, nem fazer mal aos teus parentes, antes quero tratar amizade com elles, pedir-lhes para ficar na sua casa esta noite, e contar-lhes cousas que elles gostarão saber.»

«O pequeno arabe conduziu-me então a casa de seu pae, homem de mais de cincoenta annos, e que mostrava ser de são juizo e muita probidade. Entrei com toda a modestia e decencia na casa do bom arabe; com respeito o cumprimentei e elle correspondeu-me com civilidade; mas conheci n'elle que me olhava com certo sobresalto, desconfiança, admiração e pasmo.

«Bom Musulmano, lhe disse eu, aqui tens um peccador, a quem o santo propheta alcançou de Deus a luz da alma, e a conversão do coração. Eu quero seguir a lei santa do grande Allah, publicada pelo seu querido propheta Mahomet. Tu podes dirigir-me n'uma obra de tanto merecimento, e para esse fim é que eu te venho aqui procurar, pois bem me podes guiar em uma obra tão meritoria.

»Em quanto eu fallava, o semblante do bom arabe ia-se tornando socegado e risonho: então o arabe que se

chamava Alberros, mandou-me sentar e disse-me: «Christão, o Senhor compadeceu-se de ti, e quiz dirigir os teus passos pelos caminhos da luz e da justiça, e até te conduziu a quem tem muito gosto de concorrer para obra tão meritória; pois na sua familia conta uma conversão semelhante á tua: meu avô era Milanez, e foi, como tu, chamado por Deus á lei dos verdadeiros crentes. Socega, o teu rosto está alterado, e a força do cansaço te opprime, como vens fugido da terra dos infieis; talvez te terás fatigado muito e até nem tenhas comido; mas socega, que eu já te dou do que tenho, e poderás um pouco recobrar as forças que tens perdido.» — Deu-me fructas seccas e pão, comi com avidez, e, acabada esta breve refeição, deitei-me em uma cama aceada, que me tinham preparado: descancei alguma cousa; veio a cêa, comi pouco e passei a noite quasi toda n'um triste e afflictivo insomnio, meditando nos feios crimes que tinha praticado e na medonha apostasia que ia commetter.

«Tres dias me demorei em casa de Alberros, não só para descansar, mas tambem para buscar os meios mais apropriados de effectuar a minha chamada conversão. Assentamos finalmente que eu fosse apresentado a Muley-Aben-Badur. Com effeito, apresentei-me perante este régulo, como a taes senhores chamam nas nossas terras, que me tratou o melhor que era possivel: logo me mandou ficar e tratar no seu palacio; brindou-me d'ali a pouco com ricos presentes, e muito mais no dia da minha circumcisão e solemne apostasia: e o mesmo fizeram todos os magnates das visinhanças.

«Badur não quiz que eu sabbisse mais da sua casa, fez-me seu fiel, intendente da sua casa e fazenda, e até seu confidente: se eu estivesse bem com Deus, estava optimamente com os homens; mas eu tenho uma só alma quero salvar-a, quero sair do peccado e reconciliar-me com Deus; para o conseguir tenho traçado o seguinte

plano :—Em uma noite, que as circumstancias tornarem propicia, e em que Muley-Badur não esteja em casa, montaremos nos melhores cavallos, correremos por veredas apartadas, mas que eu muito bem conheço, e no dia seguinte estaremos em terra de Christãos; tu ficas em plena liberdade, só com a condição de não revelares a pessoa alguma a historia da minha vida. Eu procurarei embarcar para a Europa, o que facilmente conseguirei; pois como já tem decorrido muitos annos, e os francezes que me conheciam ou já teem morrido nos combates, ou teem tomado varios destinos, ninguem me conhecerá. Uma outra cousa te peço, e é, que por via dos teus amigos me arranjes cartas de recommendação para Roma, para onde logo quero partir, a fim de que o Santo Padre me perdoe a minha apostasia, e me permita recolher-me a algum convento, para ali, no retiro e nas lagrimas de compunção, expiar os delictos da minha mocidade.»

Contente e sobremaneira admirado ficou D. Nuno com a narração e proposta de D. Inigo. A patria, Vivilli e a liberdade, sentimentos quasi dormentes na sua alma, como que acordaram de novo; e toda a vehemencia e força do amor o assaltaram e pozeram em movimento todas as faculdades da sua alma.

—Sim, diz D. Nuno, sim, meu caro Inigo, tens errado, não ha duvida; mas qual é o homem feliz e perfeito, que não tenha praticado cousas, em algum tempo, de que depois não tenha de se arrependar? As paixões cegam-nos, e ellas são funestos conselheiros, que nos levam á maldade e ao crime; mas ainda bem que o che-gastes a conhecer e o detestas: é verdade que se alguma vez o crime pudesse ter desculpa, razões bastantes te assistiam para minorarem os teus crimes; Deus, e o Santo Padre, seu Vigario, bem conhecem que as paixões são um somno da razão, e por isso hão-de usar contigo de clemencia; e as tuas lagrimas, vertidas no silencio n'al-

gum Mosteiro, certamente attrahirão sobre ti os olhos de misericórdia d'aquelle Deus, que está sempre prompto a perdoar. Eu tenho amisade com varios nobres italianos, e por elles eu te arranjarei para Roma cartas para as mais altas personagens e de mui valiosa protecção: tu serás facilmente reconciliado com a Igreja; agora tratemos de pôr em pratica os meios conducentes para chegarmos a esse instante feliz.

—Sim, meu D. Nuno, diz Zoleiman, vamos tratar disso. Badur tem de marchar d'aqui a tres dias, para vêr se surprehende um comboio de viveres e algumas companhias de Christãos, ha pouco vindos, que se dirigem á cidade santa; é então que no maior silencio da noite devemos effectuar a nossa fuga: mas é preciso ter constancia e animo; e como tudo isto em ti supponho, é que te communiquei este projecto, que ha muito nutro no peito: faz os teus arranjos, porque na terceira noite, passada esta, nós devemos partir.

Inigo e D. Nuno, cada um da sua parte, faziam todos os preparativos para effectuarem, e serem felizes na sua arriscada empreza. D. Nuno evitava toda a occasião de se encontrar com Zefir; e na vespera da partida até se fingiu constipado para ter um motivo de não sahir do seu quarto.

Chegada a hora aprazada, os dous fugitivos montam nos melhores cavallos das cavalhariças de Badur e correm a toda a brida por caminhos asperos e desconhecidos, só sabidos de Zoleiman, em busca da liberdade e da patria que perderam. Estava quasi para romper a aurora, quando chegaram ás bordas d'um pequeno regato, que corria no fundo de ribanceiras, cobertas de hervas e arbustos altos e bravios. As aguas do inverno tinham por baixo de si espantosas cavidades; e ficando por cima pouca altura de terra, estas abobadas ao menor peso aluiam, com grave risco de vida de quem estava em ci-

ma. Este regato, invadavel no inverno, servia de raia entre Agarenos e Christãos. Estava chegada a méta, passada a qual, aquelles dous afflictos corações podiam soltar o desabafado ai do prazer; atravessar o pequeno regato, era estar livre; só este passo faltava; mas ah! a má fortuna dos dous fugitivos quiz que esse fosse o mais difficiloso.

Quando os dous cavalleiros iam mais absortos nas doces emoções, que na sua alma excitava a vista da proxima ribanceira, termo da desgraça e principio da sua ventura, eis detraz d'uns arbustos se levantam uns vultos, que, como espectros, incutem nos dous o terror da morte. Estes duendes clamam á uma—Quem vem lá?—O raio que cahiu de improviso aos pés do descuidado caminhante, não faz tão mortal impressão n'aquelle coração sobresaltado, do que fizeram aquellas vozes nos ouvidos dos dous cavalleiros. Quem gritava assim eram soldados de Badur: este não tendo encontrado a gente e o comboio que esperava, julgou que tudo viria por este caminho desviado, esperando os Christãos evitar o seu encontro, e Badur, para os surprehender, tinha-se dirigido para este sitio, mas tudo isto ignoravam os cavalleiros, e por isso a sua admiração, surpresa e susto, foram extremos. Por um sentimento indecifrável, os dous fugitivos param por um instante, mas logo D. Inigo diz: «Avante, cavalleiro, animo e ligeireza: ali está a terra da liberdade; pica e avança.» N'isto crava as esporas ao cavallo, transpõe o ribeiro, e em poucos instantes já pizava a terra da segurança e da liberdade. D. Nuno pica o seu cavallo, este firma os pés nas margens do ribeiro para saltar para o outro lado; mas firmando-os sobre uma parte da margem que estava cavada por baixo, a aluiu com o peso, e o cavallo e cavalleiro cahiram á ribeira. Ao ruido da quéda chegam-se os vigias de Muley-Badur, e, como puderam, descem ao fundo do ribeiro.

e entre insultos e máus tratamentos, tiram para fóra a D. Nuno muito maltratado por effeito da quéda, pelos espinhos em que déra e pelo peso das armas que o opprimiam.

Que triste não era a situação em que se achava o infeliz D. Nuno! Cabido de novo nas mãos dos seus inimigos, e de novo apresentado ao altivo Badur... ah! que duras exprobações não soffreu da parte d'aquelle barbaro!

O infeliz D. Nuno, apesar de muito ferido e maltratado, foi mettido em um carcere seguro, carregado de cadeias pezádisimas. Badur condemnou-o á morte, não só por ter fugido, mas tambem, dizia o barbaro, por ter illudido e alliciado Zoleiman para fugir, e apostatar da lei do propheta de Meca. D'ali a cinco dias, D. Nuno devia morrer á força de golpes d'azorrague.

Na noite seguinte á em que D. Nuno foi preso, e no mais profundo silencio da noite, quando o infeliz cavalleiro gemia opprimido de ferros e de dôres, entregue todo ás negras cogitações, a que dava motivo o lamentavel estado em que se via e a previsão da infausta sorte que o esperava, eis de repente se abre a porta do carcere, e com uma luz na mão apparece uma dama cuja esbelta e linda figura se tomaria por um anjo, se os anjos fossem mulheres: esta encantadora figura era Zefir.

— Cavalleiro, diz ella, na grandeza do perigo, a que por ti com esta acção me arrisco, conhece a grandeza do meu amor; amor infeliz, porque o emprego n'um ingrato. A tua vida já se não mede pelo tempo incerto da existencia, mas pelas rapidas horas de que se compõem o curto espaço de quatro dias! Ah! quantas dôres não terás de soffrer, antes que o anjo da morte estenda suas negras azas para cobrir a tua alma! Eu, bem a meu pezar, e só por ordem de meu paiz, tenho presenciado o transe de varios infelizes que teem sido condemnados ao

mesmo supplicio que tu és; ah! quanto medonho e afflictivo não é o seu passamento! Mas na tua mão está o evital-o: uma só palavra tua livra-te da morte, dá-te a vida, riquezas e uma esposa, cuja mão muitos principes da Asia teem pedido, e que se não é Vivilli, é Zefir...

Calou-se a dama, abaixou os olhos como envergonhada de ter sido tão explicita, e esperou anciosa a resposta do cavalleiro. D. Nuno, depois de estar um pouco meditando o que diria, assim rompe o silencio:

— Anjo da consolação, sultana das flôres, mimo dos olhos, deleite dos sentidos, as tuas palavras cheias de doçura e de bondade levam á minha alma o fel da desesperação e da amargura. Grande é a ventura que me propões, porém mui subido o preço por que ella se póde obter. Para conservar a vida é preciso desprezar Vivilli; desprezar Zefir é perder Vivilli e a vida! Que terrivel alternativa! Dize, generosa e encantadora Zefir, poderei eu acceder ás tuas arduas proposições? Poderei eu deixar de amar a minha Vivilli, a quem amei desde a existencia, e cuja paixão foi fortificada pela convivencia e pelo tempo? Quando vim para a guerra santa, jurei, e os céos tremeram dos meus juramentos; jurei de lhe ser amante até ao ultimo arquejo da existencia; ella jurou tambem, e eu não posso ser-lhe infiel, sem ser perjuro, desleal e ingrato. Se eu estimasse mais a vida do que a honra, poderia illudir-te, poderia dizer que era teu este coração, que não póde palpar senão pela minha Vivilli; mas eu antes quero morrer com honra, do que viver perjuro, desleal e impostor. Além d'isso seria para se crer, que um cavalleiro Cruzado, vindo da Europa á Asia defender a Cruz, negasse a Jesus Christo só pelo amor de uma mulher? E poderás tu acreditar que te fosse esposo fiel, quem trahiu o seu Deus e a sua amante? E quererás tu para esposo um homem indigno até de uma alma baixa d'uma mulher vulgar? Não, Zefir. Olha,

anjo da generosidade, eu sou mais digno da tua compaixão e da tua ternura, despresando as tuas offertas, porque a honra me vêda accetal-as, do que se as acceitasse, ficando deshonrado. Se as desprêso, é porque o meu Deus e a minha honra m'ò prohibem; se as acceitasse, seria indigno de ti e d'ellas, porque ellas seriam o preço d'uma perversidade. Bella sultana, tão formosa como o astro brilhante de que tens o nome, suffoca um amor pouco considerado, e abre o teu coração aos generosos sentimentos da compaixão. Espalha o prazer, a felicidade e a vida sobre muitas pessoas, cuja ventura só de ti depende. Tu pòdes dar-me a liberdade, eu voarei aos braços de meus paes, enxugarei as suas lagrimas, Vivilli verá em ti uma bemfeitora e não uma rival; e as margens do Neiva e Cávado resoarão com o teu nome, entoado pela mais rendida gratidão. Lá no extremo da Europa, lá no sepulchro do dia a voz da gratidão abençoará um novo sol, que nasceu no berço da aurora, n'esta Asia afortunada. Tu gosarás o doce prazer que sentem as almas puras e generosas, quando conhecem que teem feito bem; e eu sentirei o prazer de te dever tudo quanto o homem tem de mais caro no mundo—patria, paes, amante, liberdade e amigos. Ah! formosa Zefir, teu coração já terá experimentado muitas vezes, quanto é doce o prazer de ter feito bem; ah! repete, repete com este infeliz o goso de tão doce sensação!

—Cavalleiro, diz Zefir com os olhos banhados em lagrimas, vive e sê feliz.—Anjo do céu, anjo da consolação, disse D. Nuno: porém Zefir o fez calar e assim prosegue:—Vive, vae fazer felizes a teus paes e a tua amada, a tua Vivilli, a minha feliz rival. Conheço que uma barreira intransitavel nos separa: a tua religião inhibe o nosso consorcio, e eu sei quanto as crenças religiosas predominam sobre os espiritos. Tu não mudas de religião e eu tambem não: se qualquer de nós tão li-

geiramente mudassemos, seríamos indignos um do outro. Tu, desprezando Zefir, riquezas e vida, só para seres fiel ao teu Deus e á tua amada, és digno de viver e ser feliz; mas não quero que me exceles em generosidade e grandeza d'alma: eu quero dar-te a felicidade e a vida. Não me offendes em amar uma dama que conhecestes muito antes que só me visses; e sendo fiel ao teu Deus és comigo igual em sentimentos. Se a convicção fosse a causa da conversão d'algum de nós, sem suspeita seria essa conversão; mas uma conversão inspirada pelo interesse, ou pela paixão ou amor da vida, é suspeita de hypocrisia. Vai, vai viver feliz, eu viverei desgraçada...

Aqui Zefir interrompeu por um pouco o seu discurso, porque o amadado soluçar lhe embargava a voz: porém logo que pôde, assim continuou: — Se ao menos eu pudesse saber que eras ditoso, invejando a sorte da minha rival eu ficaria mais contente pela ventura daquella a quem meu coração ama, devendo aborrecel-o... Tu, e os teus nos chamam barbaros; mas seriam as damas do teu paiz tão generosas com um amante que as desprezasse como eu o sou contigo? Eu sei que o amor não é mercancia que se compre nem sentimento que se faça nascer á força: a sympathia é quem o gera; a não ser esta todas as outras causas são seus padastros; não sympathizaste comigo. — Aqui de novo o pranto lhe inunda as faces e entre soluços continua: — Se eu nascesse no teu paiz, diria como as damas delle, ama-me ou morre, mas a barbara Zefir diz-te: «Sê feliz, ainda que me não ames. O meu amor não se apaga com o teu sangue; a tua morte só serviria de redobrar o meu tormento; pois como poderia eu ser feliz com a desgraça daquella que desejo ver o mais venturoso dos mortaes? Só o vingativo se alegra com o mal do seu contrario; e eu sou amante porém não sou odienta; sinto não merecer o teu amor; mas por isso sou amante verdadeira não desejo o maior

dos males daquelle a quem desejo a maior das venturas: e a prova, tu a vaes ver: na seguinte noite virá ter contigo um outro captivo chamado Athanazio, natural de Cesaréa, elle conhece bem os caminhos occultos que d'aqui alli conduzem; quebrará os teus ferros e arrombará as portas da prizão para meu pae não suspeitar que fui eu que te proporcionei a fuga, e ambos descereis por cordas por uma janella que deita para o jardim, cujas portas estarão abertas; ahí achareis a cavallo um christão captivo que vos terá promptos dous cavallos; montai e não temas novo encontro com as tropas de meu pae, que andam dahí muitas leguas: vós ireis vestidos de mussulmanos, ambos sabeis a nossa lingua e por isso ainda que tenhaes algum inesperado encontro, nada tendes a temer; pois por esses sitios o povo é pouco e bom, e nada suspeito. Vai, D. Nuno, vai ser feliz com a tua Vivilli... nos braços della lembra-te que t'a deu... (e nem podia dizer) Zefir.

Zefir fecha apressada a porta da prizão e tão veloz como o pensamento, vóa ao seu aposento, deita-se sobre o seu sofá; dous rios de agua lhe rebentam pelos olhos e suas faces se intumescem com o pranto.

A's ultimas palayras de Zefir, D. Nuno levantou-se como pôde, põe-se de joelhos e ia a beijar os pés da sua bemfeitora, mas ella tinha desaparecido com a rapidez do relampago e D. Nuno ficou colado á porta da prizão, e prorompe nestas expressões: — Mulher incomparavel, anjo ou divindade, nem s-i que nome te deva dar: a esta hora talvez estarás tragando as crueis amarguras que o meu desprezo te motiva; eu em ferros sou mais feliz do que tu no cumulo d'uma apparente prosperidade! Vivilli, cara Vivilli, quem podera ter-te aqui presente para veres a minha constancia e a generosidade da tua innocente rival! Ah! teu coração compassivo estalara de sentimento, tu carpirias a sorte de Zefir e talvez, talvez competindo

com ella em generosidade me desligasses do juramento de ser teu! Mas que importava dares-me a liberdade, se me não davas um coração para deixar de te amar? Oh! Zefir, como poderei pagar-te tantas bondades? A gratidão, só uma eterna gratidão, só um reconhecimento tão duradouro como a existencia, podem ser, inda que fraco, o unico signal do muito que te devo! Ignoro outra paga, ah! se a soubesse!!...

Com as mãos opprimidas de cadeias, porém levantadas ao céu ficou D. Nuno por largo espaço posto de joelhos junto da porta por onde Zefir se tinha auzentado. Que bem differentes sentimentos experimentavam Zefir e D. Nuno! Este carregado de cadeias e contando a vida por horas só experimentava sensações agradaveis, esperanças lisongeiras, grato preludio de um futuro de venturas; tanta dita somente era eclipsada pelo triste padeecer de Zefir; esta, n'um sofá de riqueza e luxo, cercada de toda a pompa oriental, de tudo emfim quanto pôde fazer um mortal feliz, tragava em silencio as amarguras da morte e era muito mais digna da compaixão do que D. Nuno carregado de cadeias! Ah! quantas vezes os exteriores das cousas são differentes da sua realidade!

Chegou emfim a noite aprazada; e quando tudo estava socegado no Harem, appareceram Athanazio e Zefir; trataram de arrombar as portas e quebrar os grilhões, deixando tudo em forma que Badur podesse acreditar que o tal arrombamento fôra praticado só pelos dous escravos.

—Anjo humanado, diz D. Nuno ajoelhando aos pés de Zefir, generosa sultana, só o meu coração e não os meus labios, te podem agradecer todos os favores que acabas de fazer-me. A vida, a liberdade, a patria, os paes, a amante... tudo .. tudo me restitues .. Ah! e que posso eu dar-te em troco de tudo isto, senão um reconhecimento igual á vida? O céu, sim, só um Deus, justo

remunerador das acções virtuosas, te póde galardoar como mereces. Nos castellos de Faria e Neiva todos os dias subirão ao céu as nossas fervorosas, pedindo ao Eterno que te conceda todos os bens imaginaveis; nós publicaremos por toda a parte os teus louvores, a nossa gratidão...

—Basta, D. Nuno, diz Zefir; tempo terás de te lembrares de mim; agora é tempo de te lembrares só de ti; aproveita-o e parte: mas antes de partires, recebe esta bolsa de dinheiro, ahí acharás tambem o meu retrato, eu o guardava para t'o offerecer no dia do nosso consorcio... Mas o céu não o quiz... Porém eu não offereço a ti o meu retrato; a minha imagem nunca se riscará da tua lembrança...

—Não, nunca, nunca, diz D. Nuno.

—Pois bem, continua Zefir, eu offereço á tua dama o meu retrato, como declara a legenda de diamantes que está em volta e diz *Zefir a Vivilli*. Neste retrato não verá Vivilli a sua rival, mas uma amiga extremosa que tudo sacrifica para lhe restituir o que ella como amante tem de mais caro sobre a terra. Goza, feliz Vivilli, goza o homem mais amavel que Allah creou na terra: cá fica Zefir tendo por continuos companheiros o pranto, a dôr, o desgosto e a saudade... Só a lembrança de ter feito bem será a minha consolação... Parte já, D. Nuno, temo que a constancia me falte.

Zefir auzenta-se rapidamente; D. Nuno a quer seguir, quer repetir os protestos da sua gratidão, mas Zefir sumiu-se na vastidão dos salões do Harem e as expressões de D. Nuno perdiam-se nos ares.—Cavalleiro, diz Athanazio, agora não é tempo de fallar de amores, é tempo de recuperar a liberdade: vamos, segue.

D. Nuno seguiu Athanazio; chegam á porta do jardim, ahí estava tudo prompto, como Zefir tinha prometido; montam a cavallo e partem; e com toda a felici-

dade chegam a Cesaréa. Athanazio ficou na sua patria e D. Nuno marchou para Jerusalem. passados poucos dias, á nova da sua chegada, D. Inigo foi visitar D. Nuno, abraçaram-se ternamente e alguns dias viveram unidos, até que D. Inigo, munido com as cartas de recommendação que lhe arranjava D. Nuno para varios cardaes de Roma, parte para aquella cidade e depois de ser reconciliado com a Egreja vai fazer vida penitente no mosteiro de Sahagun, aonde finou seus dias com fama de santidade.

D. Nuno, logo que pôde, embarcou-se para a Europa em um navio que fazia viagem para Inglaterra. Corria o anno de 1121, e haviam dezoito que D. Nuno tinha deixado o seu paiz natal. Quando o navio estava nas costas de Portugal, não mui distante de terra, D. Nuno avistou o monte e capella de S. Felix, não longe do Neiva e Faria e pediu ser lançado em terra, nessas então ermas praias onde hoje campeão arrogantes a Povoia e Villa do Conde. Apenas se poz em terra, caminha para o castello do Neiva aonde contava fazer uma grata surpresa á sua amada e a toda aquella familia, contando fazer o mesmo á sua, mandando-a chamar alli a titulo de qualquer brinquedo. Mas ah! como bem depressa se esvaeceram tão gratas esperanças!

Em uma pobre choupana de um pescador tinha D. Nuno deixado ficar toda a sua mobilia: e só e armado caminhou para o castello do Neiva saboreando de antemão o prazer que iam ter tantos corações, que tão verdadeiramente se amavam. A largos passos caminhava o nosso cavalleiro, e em poucas horas se achou a pouca distancia do tão desejado castello do Neiva; mas qual foi a surpresa e magoa de D. Nuno quando ouviu que a pequena campainha do castello tocava o triste signal dos finados! Chega mais perto, vê as frestas da capella cobertas de signaes de lucto! bandeiras arrastadas ondeavam

tristemente entrelaçadas com cyprestes pelas amêas do castello! Extatico, suspenso e quasi petrificado ficou D. Nuno com tal vista: as suas doces illusões em que sua alma inda á pouco se inundava, evaporaram-se, como os sonhos que ao acordar se desvanecem: apressado lhe batia o coração no peito afflicto: quer caminhar, mas os joelhos se lhe dobram: impaciente por saber quem fôra alli victima da morte, treme de o saber: ora quer voltar para traz, ora aperta o passo; emfim um sentimento involuntario o vai conduzindo para a capella e, quando já estava perto, encontra-se com duas mulheres, que dalli sahiam. D. Nuno assim fallou á mais velha:

—Minha tia, diga-me, vem de ver o defunto?—Vimos, cavalleiro, vimos de ver esse anjinho do céu, que o Senhor levou para si. Está tão linda e tão formosa que até parece viva... —Que até parece viva! diz D. Nuno; pois quem morreu não foi o senhor D. Mem Gonçalves? —Não, cavalliro, diz a velha; foi a sua filha mais nova: agora morrem os novos e ficam os velhos... Ai, cavalleiro, morreu a mãe da pobreza, morreu aquella santi-nha, que sempre tinha que me dar... Aqui rebentam as lagrimas ás duas velhas, que alli estavam. Aqui subiu de ponto a pungente dôr que atravessava o coração de D. Nuno, porque julgava que a filha mais nova de D. Mem Gonçalves, de quem se fallava era a sua querida Vivilli. Já se disse no principio que D. Sancha, filha mais nova daquelle fidalgo, tinha nascido como abortiva. muitos annos depois de suas irmãs e quando já havia muito tempo que D. Nuno estava na Palestina e até no captivo, aonde não teve noticia alguma de semelhante nascimento. Tremulo, espavorido, trespassado da mais intensa dôr, sem saber porque, abaixa a viseira, e entra na capella que a esse tempo estava erma, porque os criados estavam almoçando a fim de estarem promptos para receberem todos os que viessem ao officio. Era alta a

éça sobre que estava o caixão com a defunta, estava esta envolvida em véos e burel branco, signal de lucto desse tempo: uma especie de sobre-céo ainda mais concorria para se não poder bem distinguir o rosto da defunta, e o escuro da capella ainda difficultava mais reconhecê-la; e finalmente as idéas em que estava D. Nuno de ser Vivilli a filha mais nova de D. Mem Gonçalves não lhe permittiam duvidar que fosse ella a que alli via finada. Só, e penetrado dum pezar e dos inconcebiveis desgostos da dôr, quasi sem olhar para a defunta prostra-se junto da éça, atira ao chão com a espada e capaceie, abraça-se com uma das columnas da mesma éça, e entre suspiros e vozes mil vezes entrecortadas, assim exclama:

— Cara Vivilli, tu morreste e eu ainda vivo?... E posso eu viver sem ti? Grande Deus, para me fazeres ver morta a minha amada, a mais amavel e a mais querida das creaturas, é que entre tantos perigos me conservastes a vida? não fôra melhor morrer por vós do que matardes-me com a vista da minha amante morta? Desprezei para guardar a vossa lei e a santidade do juramento, desprezei honras, riquezas e a creatura mais perfeita que talvez tendes creado, e vós roubaes-me aquella que parece tinheis creado para mim? Assim trataes, Senhor, a quem por vós tantas vezes expoz a sua vida? Vivilli; cara Vivilli, se lá no céu onde estás, podes conhecer a minha dôr e escutar os meus gemidos; se no seio da divindade ainda te lembra o teu Nuno, pede a esse Deus, que tão cedo te levou, que me leve a mim tambem. Amada, querida amante, a morte já me tarda, redobra as tuas supplicas: quero morrer a teus pés, sepulta-me na mesma cova, eu não posso existir mais... Vivilli, cara Vivilli... Não me fallas, não me respondes? E eu ainda não morro!... Cruel amante, ah! tu sem duvida ainda não pediste ao Eterno a minha morte! Queres que eu ainda padeça mais?... Falla, responde-me.

Mas ah! tu não me respondes!... Oh! morte. . . E nisto cahiu desfallecido; e quando tornou a si estava acoustado como quem acorda dum terrivel pezadêlo; e com os cabellos erriçados, os olhos inquietos, tremendo em todo o corpo, sem saber o que fazia, despe as armas, colloca-as sobre o altar, liga a uma columna da eça o retrato que Zefir lhe tinha dado e num excesso de phrezezi, sae da capella sem ser visto de pessoa alguma. Correndo longo tempo ao acaso por entre a espessura dos bosques, que n'esse tempo povoavam aquelles sitios, embrenha se pelas selvas do monte de S. Felix, aonde o deixamos vaguar, todo entregue aos effeitos da saudade, para no entanto irmos ver o que se passa no enluctado castello do Neiva.

Apenas os criados acabaram d'almoçar desceram para a capella a fim de receberem os que viessem concorrendo para o officio; mas quem pôde explicar a sua surpresa quando viram as armas no altar e pendurado na eça o retrato duma moura, nesses tempos sempre presagio de malefico encanto! Gela-se-lhes o sangue nas veas, arripiam-se-lhes os cabellos de medo, fazem tres vezes o signal da cruz e repetem muitas vezes as orações que mais eram da sua fé e devoção. Cobrando algum animo chegam-se para mais perto do fatal retrato e as letras arabicas da legenda são para elles novo motivo de sustos e suspeitas. Depois de mil juizos qual a qual mais absurdo, um escudeiro foi dar parte a D. Mem Gonçalves do presente mysterio. O fidalgo deu parte de tudo á familia que, apezar de sua profunda dôr, pôde vencer-se e desceram todos á capella para verem tão mysteriosas dadivas em que ninguem se atrevia a pôr a mão. A familia de Faria que alli estava e o mesmo D. Mem Gonçalves reconheceram logo que aquellas eram as armas que foram compradas ao francez, de que no principio se fallou e que D. Nuno levava para a Palestina; mas ellas

cahiram nas mãos dos Agarenos quando D. Nuno caiu morto, como podiam, a não ser por algum encanto, vir em tal dia aqui parar? Quem as trouxe, pois ninguém se viu? Nada, não ha duvida aqui ha grande encanto, disse D. Mem Gonçalves que estava embuido de todos os prejuizos populares do seu tempo.

D. Pedro de Faria, que alguma coisa sabia da lingua arabica, leu a legenda do retrato e o pasmo de todos chegou ao seu mais alto ponto. — Uma Moura, diziam elles, que ninguém sabe quem é, offerece tão rica joia a Vivilli, a quem ella de certo não conhece! . . . E', ou não esta Moura feitriceira? Aqui ha grande maleficio ninguém ponha mão nestes trastes, nem serem esconjurados: venha algum homem de Deus, que benza e desfaça estes encantos.

Um criado vai logo ao mosteiro Benedictino de S. Romão do Neiva chamar Frei Florite, tido por todos como santo, para vir fazer as suas rezas e orações sobre aquelles objectos tão suspeitos. Veio o bom do monge e concluidas as suas orações e exorcismos, mandou que tudo ficasse na capella; porque, dizia elle, se esses objectos teem alguma virtude maligna, a cruz santa do Senhor, e a virtude desta casa d'oração inutilisarão a força de qualquer encanto que lá fora pôde sortir o seu effeito. Com estas precauções todos ficaram desassombrados e procedeu-se ao officio e mais actos religiosos. A noticia do que se tinha feito, o susto dos senhores de Faria e Neiva correram de boca em boca e foi então que as duas velhas publicaram o encontro que tinham tido com o cavalleiro, o que tornava o caso cada vez mais mysterioso.

Passados dias e passada a maior impressão que causara a morte de D. Sancha, começou-se a fallar e a discurrir mais pausadamente sobre a appareição das armas e do retrato. Vivilli tinha todo o seu pensamento occupado com aquelles mysteriosos objectos. — As armas, di-

zia ella, as armas são as de D. Nuno, mas ellas ficaram na Palestina, foram-lhe tomadas pelos inimigos, como foram agora aqui trazidas por um cavalleiro que se não quiz dar a conhecer? Quem sabe se este cavalleiro desconhecido as tomara aos inimigos, e sabendo de quem eram e de que familia era D. Nuno, agora que voltava á Europa as viria aqui restituir? Mas aquelle retrato da moura? Quem sabe se ella era uma amante de D. Nuno e que elle tivesse o seu retrato e fosse encontrado com os seus despojos e o cavalleiro o viesse restituir juntamente com as armas? Mas elle é offerecido pela moura a mim! que enigma é este? E quem sabe se aquella moura, amante de D. Nuno, elle lhe teria fallado de mim e agora que elle morreu para augmentar o meu desgosto por causa da sua morte, me mandaria no seu retrato a certeza d'uma rival? Isto parece dizer: *D. Nuno morreu, eu era a tua amante, vê o retrato da tua rival.* Cruel D. Nuno, seria possivel que faltasses aos teus juramentos, ás tuas promessas, á tua honra e ao nosso amor? Custa-me a acreditar a tua deslealdade! Mas aquelle retrato! a não ser d'uma rival, de quem será? Amado Nuno, meu coração quer-te desculpar, mas todas as apparencias te condemnain! Funesto retrato, tu vens redobrar o meu tormento! Até agora só chorava um amante, e as minhas lagrimas eram dignas de mim e de ti; mas agora choro um ingrato que não posso deixar de amar, e tua ingratidão redobra o meu cruel padecer! Que cheia d'amarguras não é a minha existencia! Nestas e outras semelhantes cogitações passou Vivilli alguns mezes; mas este estado seria uma felicidade, se elle ainda não fosse exacerbado pelo que logo se vae dizer.

Chegado D. Nuno ao monte de S. Felix, errava como louco pelos bosques daquelle monte: extenuado de forças e quasi falto de juizo, cahiu um dia como morto em terra e alli terminaria a sua existencia, se uns pasto-

res o não encontrassem e lhe prestassem todos os possíveis soccorros e o fizessem tornar a si. Quando D. Nuno estava um pouco mais restabelecido e tornado ao seu juízo, comprou algumas varas de serguilha que se tece na freguezia de Villar do Monte e fez um roupão em forma de habito de Ermitão, poz-lhe um longo capuz, que sempre trazia na cabeça, e o rosto quasi encoberto; e na encosta de um outeiro, como pôde, cavou uma estreita gruta, aonde como animal bravo continuamente vivia; e um regato que fugia murmurando pela relva do seu deserto lhe apagava a sede e lhe servia de recreio. A's vezes sahia o nosso apaixonado ermitão a pedir esmola pelos povos daquelles contornos, mas tão enterrado no seu capuz, e com as barbas tão compridas que apenas se deixava conhecer como ente racional. Neste melancolico modo de vida passou D. Nuno pouco mais de um anno, até que teve lugar o grande successo que em breve vou referir.

D. João Mendes do Neiva, que, como se disse, tinha vindo da Palestina, depois do ferimento e supposta morte de D. Nuno, tinha militado nas guerras de Portugal, mas por ultimo foi morto no anno de 1111, na surpresa de Vatelandi, quando um troço de tropa marchava sobre Santarem; e portanto sua irmã mais velha, D. Brites, ficava a supposta herdeira da casa e estado do Neiva; mas esta senhora tendo casado para a casa de Farelães, morreu de parto, sem deixar successão; e assim D. Vivilli era a herdeira necessaria da casa do Neiva; mas tudo isto ignorava D. Nuno, porque tudo isto se passou em quanto elle esteve na Palestina.

Como o castello do Neiva recahia em femea, e essa familia se tratava com especialissima amizade com a familia de Faria, aonde havia D. Fernando, muito mais moço que seu irmão defunto; o conde D. Fernando Peres de Trava, então d'amores com a rainha D. Thereza

e com ella governando Portugal, de que esperava aposar-se, apesar dos indisputaveis direitos do infante D. Afonso Henriques, filho legitimo daquelle rainha, o dito conde D. Fernando Peres de Trava projectou unir estas duas familias, para, nesta união ter mais creaturas suas que podessem secundar os seus projectos ambiciosos. O conde de Trava influiu a rainha D. Thereza para que ella escrevesse a D. Pedro de Faria e a D. Mem Gonçalves do Neiva, a fim de que se effectuasse o casamento de D. Vivilli com D. Fernando de Faria, e se reunissem as duas casas: o mesmo conde valido escreveu aos dous fidalgos, dizendo-lhes que era sua vontade que tal união promptamente se effectuasse, e, como os empenhos dos grandes tem força de preceito, aquelles dous fidalgos não hesitaram em pôr em pratica o que, talvez ha muito, já tinham premeditado; e D. Mem Gonçalves tinha nisto particular satisfação, porque elle era parente muito chegado de D. Sancha Gonçalves, mulher do conde D. Fernando.

Apenas as cartas da rainha e do conde chegaram ao castello do Neiva, D. Mem Gonçalves chamou logo sua filha e lhe communicou as ordens que da cõrte e do seu parente tinha recebido. Vivilli, quando ouviu esta proposta, ficou como assombrada de raio, e não sabia o que havia de responder. Dizer que não a seu pae era o primeiro acto de desobediencia que Vivilli praticava na sua vida, e a tal não se atrevia; e além disto, esta negativa ia talvez romper para sempre os antigos laços d'amizade que ligavam as duas familias; e que razão havia que o podesse justificar do seu desprezo para com D. Fernando, moço, gentil, e cavalleiro, creado com Vivilli, a quem ella, é verdade, não amava, mas tambem não aborrecia, antes estimava por motivo de creação e amizade de familia? E como se atreveria Vivilli a resistir ás vontades da rainha e do valido, corroboradas com a vontade de

seu pae? Mas, como poderia Vivilli resolver-se a casar? Seu coração não podia amar; o seu amor morreu com D. Nuno; e como podia ella casar com um homem que não amava? Casar sem amor, parecia-lhe uma vileza; o coração, dizia ella, o coração não é um objecto de mercancia, que se entrega a quem mais dá. Apertado era o lance em que Vivilli se via constituida, e para não desagradar a seu pae a quem se não atrevia a dizer um não, mesmo paliado, assim lhe diz:—Permitti, senhor, que eu falle com minha mãe, e ella terá a bondade de vos fallar de mim. D. Mem Gonçalves entendeu que sua filha se envergonhava de ser franca com elle em tal materia e que menos tímida seria com sua mãe e por isso com ar risonho lhe disse:

—Sim, minha cara Vivilli, sim; falla com tua mãe, e ella depois fallará comigo. E dando um abraço na filha, esta retirou-se. Só e pensativa andou Vivilli todo o dia; á noite resolveu-se a fallar a sua mãe, porque a encontrou só, sentada no seu estrado, quando acabava de rezar as suas devoções. Chega Vivilli, ajoelha diante de sua mãe, beija-lhe a mão, porque já tinha tocado as trindades, e antes que sua boca fallasse, já seus olhos exprimiam a afflicção de sua alma.—Minha mãe, minha cara mãe, eu venho hoje implorar os vossos conselhos e a vossa protecção; emfim eu vos peço o ultimo quilate do amor maternal; valei-me, minha cara, minha adorada mãe. Vós sabeis, senhora, o casamento que meu pae me destina, em virtude das ordens da côrte e tambem não vos é occulto quanto eu ameí D. Nuno. . . Aqui deu um profundo suspiro; as lagrimas e os soluços por algum tempo lhe interromperam o seu discurso; e, mitigada a sua dôr, continua desta sorte: «E como poderei eu amar outra pessoa? Jurei-lhe nunca mais amar a outro: devo cumprir o meu juramento e nem é possível que o meu coração possa amar a mais alguém: o amor deve ser um

Se ha mais, esses são ficções e vossa filha nem é impostora nem perjura. Eu não posso ser a esposa de D. Fernando, não só pelos motivos que já disse, mas também porque o não amo e não concebo que haja casamento sem amor: eu para com D. Fernando só tenho os sentimentos d'amizade, nascidos de convivencia tão aturada como é a nossa. Minha cara mãe, ensinaí-me algum arbitrio com que decentemente me possa vêr livre deste apuro. Minha filha, diz D. Unisco de Chavão, apesar da minha maternal ternura para contigo e desejar sempre adivinhar-te os pensamentos para te fazer a vontade, não posso agora com ella condescender, porque as tuas razões nem são justas, nem assiadas; e além disto, as circumstancias e a vontade de quem pede, não admittê um *u to* e nem mesmo uma desculpa. A vontade da rainha nem é desarrasoadá, nem impossível, nem injusta; é, portanto forçoso obedecer-lhe: o nosso primo, o conde D. Fernando, também escreveu a teu pae pedindo esta união com o maior empenho e instancia: nós sabemos que elle interessa nisto muito, pois se elle fôr infeliz nos vastos planos que medita, quer ter dous castellos á sua disposição para se recolher, se lhe fôr preciso, ou fazer-se mais temido e respeitado; e então como se lhe responderá negativamente ou que plausivel resposta se lhe póde dar? As tuas ternuras, os teus juramentos amorosos não tem pezo na balança da política: são criancices de que aquelles senhores se riem. O respeito que queres guardar ás cinzas de D. Nuno, cinzas que o vento já espalhou, será titulo para desobedecer á rainha, ao seu conde e a teus paes? Quantas viúvas, sem pesar, e sem a noia de infieis, passam a segundo casamento, e tu simples amante julgas ser-te desairoso não seres fiel a um nome, a uma sombra e a um punhado de cinzas? Se D. Nuno fosse vivo razão tinhas de esperar por elle, mas elle morreu, faze de conta que és viúva e portanto sem pesar podes passar

a novo casamento. Demais, o casamento dos bons... deve ser dirigido pela prudencia dos paes: estes é que sabem o que melhor convem aos filhos: estes são inexperientes precisam de quem os guie na difficil escolha de um consorte; e quem será melhor guia, a experiencia e o amor paterno ou a paixão tresloucada de uma mocidade sem experiencia? Lança os olhos da tua reflexão ao meu casamento com teu pae: nós não nos conheciamos, e por isso não nos amavamos; nossos paes casaram-nos e a continua convivencia, o interesse mutuo tem gerado a amizade em que vivemos, sentimento tranquillo, infinitamente mais duradouro do que essa louca paixão chamada amor. Olha como D. Pedro de Faria vive feliz com D. Ermesenda, pois o seu casamento tambem não foi obra do amor. Lança agora as tuas vistas para esses casados de quem o amor foi o medianeiro; que vês? Um inferno antecipado. Portanto, minha filha, tu que és o unico fructo que nos resta, dá a teu pae e a mim o maior prazer da nossa vida; com a tua filial obediencia minora o desgosto que nos causaram as prematuras mortes de teus irmãos: não amargures com a tua resistencia os nossos ultimos dias.

Um torpor de morte assaltou a triste Vivilli; ella julgava que sua mãe attenderia ás suas razões, e, como mãe e mulher, se compadeceria das fraquezas do seu coração; mas enganou-se; ella não achou na sua mãe senão a rigidez e auctoridade da razão. Afflicta, e sem ter que replicar, disse á mãe: «Permitti, minha mãe, que me retire a meditar nas vossas razões, e no destino que me espera.» E correu para seu quarto e lançou-se sobre a cama. As lagrimas que logo dos olhos lhe rebentaram enopiram-lhe o travesseiro; os seus suspiros foram ouvidos pela ama que a creára, *Controle Domingues*; esta entra no quarto, e fica consternada pela afflicção em que vê Vivilli, a quem estimava mais do que se fosse sua fi-

lha, e de quem era fidelissima confidente. Vivilli olhou tristemente para ella e lhe disse:

— Gontrode, sou a creatura mais infeliz que Deus deitou ao mundo; se obedeço aos paes, sou perjura; se lhe resisto, sou-lhes desobediente e á rainha: que terrivel alternativa! Minha Gontrode, vê se podes valer-me! Mas Deus, só Deus tirando-me a vida me pôde despenar sem que pessoa alguma fique mal... «Calai-vos, senhora, diz Gontrode; Deus é pae, e algum remedio ha de dar aos vossos males: eu estava ouvindo a vossa conversa com vossa mãe e meditando como havia de dar remedio ao vosso mal; parece-me que o tenho descoberto; porém disse-me primeiro: quereis ser antes esposa de Jesus Christo, ao que d'um homem? — Quem pôde dizer que não? respondeu Vivilli. — Pois bem, tem os tudo remediado. Ouvi o que eu cá tenho pensado. No mosteiro de Vairão é abbadessa a vossa segunda tia D. Palla: ella é uma grande serva de Deus, e bem vontade tinha ella, que todos deixassem o mundo para servirem a Deus no claustro, e por isso com toda a vontade vos receberá naquelle santo reito, logo que lá vos apresentardes. A vossos paes fingireis que concordaes no casamento, e só poreis por condição, que não ireis para Faria, nem vos juntareis com vosso esposo, senão passados oito dias depois de recebidos; esta condição não pôde deixar de ser accéita. Em uma noite destes oito dias fugiremos ambas d'aquí, e iremos para Vairão; vossa devota tia assim que lá nos vir, de certo logo nos recolhe; vós fardes desistencia da vossa legitima, se vossos paes consentirem, como de certo hão de consentir, a favor de D. Fernando; assim vossos paes ficarão satisfeitos, porque satisfizeram a sua vontade e da rainha, e a vossa grande casa, e a de Faria vão cahir na familia de D. Fernando, e os senhores de Faria não sentirão muito a perda da vossa alliança, porque entram na casa de Lara e Trava,

por tantos títulos illustres; e assim vos deixarão em paz. Se fôr do vosso gosto, eu ficarei na vossa companhia: como me não ficaram filhos de meu marido, sempre desejei ir acabar os dias n'um convento, e agora parece-me que me faz Deus a vontade.

A' proporção que Gontrode fallava, enxugavam-se as lagrimas da consternada Vivilli: seus olhos tomavam uma alacridade, que ha muito se não via nelles, e por um movimento involuntario, salta da cama aos braços da sua confidente e a cobre de beijos e de caricias.

—Querida Gontrode, diz Vivilli: anjo do céu, inspirada do Espirito Santo; os teus conselhos só do céu podem ser dados: eu os vou seguir á risca. Mas olha, minha Gontrode, será ser infiel e perjura aos juramentos que fiz a D. Nuno, chegar aos altares, e fingir que me recebo?

—Não, minha senhora; isto não é ser infiel, porque vós não vos entregaes a D. Fernando, só o fingis, e o fingimento não é realidade: vós na realidade só vos entregaes a Deus, e ao glorioso S. Bento, e isto não quebranta os vossos juramentos. Ide alegrar a vossos paes, dando-lhes o—*sim*—que tanto appetecem, e no entanto vamo; cuidando no que é preciso para pôr em pratica o nosso intento.

Vivilli chegou contente ao quarto de sua mãe, aonde estava D. Mem Gonçalves conferenciando com sua mulher sobre o modo de resolverem sua filha. Vivilli chega e diz:

—Meus paes, eu obedeço ás vossas vontades, porque a minha Gontrode tem desvanecido as minhas dúvidas. Eu receberei D. Fernando por marido, mas não leveis a mal que vos diga, que meu coração precisa tempo para se acostumar a um novo modo de sentir, e este casamento quer-se tanto á pressa... Enfim eu me receberei tão cedo como quereis, e como é necessario.

Visto que o conde D. Fernando ahi chega por estes dias para assistir a elle; mas vós permittireis que esteja convosco ainda mais oito dias, sem me juntar com o meu novo consorte. Quero empregar este tempo em vêr muitas vezes as minhas flôres, em dizer-lhes adeus muitas e muitas vezes, e chorar á minha vontade a triste ausencia da companhia dos meus queridos paes: ah! eu não os tornarei a vêr mais, senão como ho-peda...

Vivilli deu um suspiro, correram-lhe as lagrimas, abraçou seus paes e ausentou-se. Os paes de Vivilli ficaram contentissimos com a resolução de sua filha, que attribuiam á sua obediencia e aos conselhos de Gontrode.

D. Mem Gonçalves parte logo para Faria, participa tudo a D. Pedro e á toda a familia, e todos jubilosos apressam-se em preparar tudo quanto convinha para tornar esta união esplendida e magnifica; os cuidados se redobram logo que se soube que o conde D. Fernando já tinha chegado ao Porto, e que não podia tardar em Faria, para ir ao Neiva assistir á obra da sua politica.

Chegou o conde D. Fernando, e muita da principal nobreza, ao castello de Faria, e logo se mandou recado ao do Neiva, dizendo que o casamento devia effectuar-se no dia 19 de fevereiro, e corria então o anno de 1121. Por uma não estudada coincidencia, era este o dia anniversario, em que D. Nuno tinha sahido da vista da sua Vivilli, no anno de 1103, para ir embarcar para a Palestina.

Deixemos agora o Neiva e Faria estrugirem com o estrepido de tantos hospedes; vamos vêr o ermo e solitario monte de S. Fins, tão celebre em outro tempo pela morada deste santo solitario, que fez alli vida eremitica, ainda antes que os Paulos e Antões habitassem a Thebaida; e agora celebre tambem pela morada do nosso amante Anachoreta.

Como do monte de S. Fins se descobriam os arredores de Faria e Neiva, sitios em outro tempo tão gratos ao seu coração, e hoje incentivos da mais pungente dôr e acerba saudade, D. Nuno determina, emfim, deixar este sitio, aonde todos os dias a mágoa e a saudade encontravam novos motivos de o fazer penar. Ao principio, D. Nuno não trocaria este melancolico ermo pela mais formosa cidade do mundo, porque a sua dôr parecia mitigar-se com a vista dos mesmos objectos que a causavam; mas qual é a dôr, que o tempo não mitigue? O tempo, sem riscar do coração de D. Nuno a sua forte saudade, tinha mitigado essa febre d'alma, chamada paixão; e um sentimento melancolico, sim, mas, socegado, succedeu aos delirios desse phrenesi das grandes mágoas.

D. Nuno resolve-se, emfim, a deixar estes sitios, que só servem de augmentar os seus profundos padecimentos, e determina ir buscar na asperissima serra de Arga o socgo que o seu coração aqui não pôde encontrar; mas antes de partir para aquelle monte inhabitado, quer beijar, pela ultima vez, essa terra avára que lhe guarda as cinzas da sua cara Vivilli, e levar até consigo uma porção dessa terra negra, que possui o corpo da sua amada; determina trazel-a sempre junto ao seu coração, e não podendo enterrar-se na mesma campa em que jaz o corpo de Vivilli, determina deixar escripto que na sua sepultura se lance aquella terra, para deste modo nem na morte se separar d'aquella que tanto amou em vida.

— Eia, Nuno, dizia o amante solitario; deixa estes sitios de saudade, terror e morte: amanhã completam se dezoito annos que eu deixei estes sitios para embarcar para a terra da Palestina! então tudo aqui se ria para mim! O mais casto dos amores fazia as minhas delicias; és amavel, a mais terna das amantes, Vivilli... Já nao existes... Ha hoje dezoito annos que toda eras amor e vida .. Heje... és terra... és morte.. Mas quanto

essa terra me não é cara?! Todo o ouro do mundo não vale para mim tanto como um punhado só dessa terra! Amanhã, amanhã eu a vou buscar, e meu peito, meu coração será a urna em que a vou guardar: comigo tu irás á sepultura; se a morte nos separou na vida, o amor nos unirá na sepultura. Coração, prepara-te para o ultimo e mais terrivel lance... é o ultimo... mas terei forças?... Animo, coração!

Nestas e outras semelhantes cogitações passou D. Nuno toda a noite sem dormir; mas ella não foi mais socegada para a consternada Vivilli, que no dia seguinte havia de ir diante dos altares dar-se por esposa de D. Fernando de Faria.

Apenas alvoreceu o dia, o ermitão de S. Felix pôe-se a caminho para o castello do Neiva. Quando D. Nuno, com o coração partido de dôr, chega á porta do castello, vê-a guardada por pagens luzidamente vestidos; esta vista e o relinchar de muitos cavallo nas cavallariças, tudo lhe fez presumir que algum grande festejo havia no castello, e até lhe veio á lembrança que seria o dia do noivado de D. João, cuja morte elle ignorava pelos motivos que já ficaram ditos. D. Nuno pediu licença aos pagens para ir á capella e cemiterio fazer as suas orações, e os pagens, querendo-lhe beijar a manga do seu roupão de serguelha, cortez e respeitosa mente lh'a concederam. D. Nuno, apezar de sepultado o rosto no seu grande capuz, temia ser reconhecido, e por isso nem perguntou qual era a causa de tão grande gala.

Apenas D. Nuno tinha entrado na capella, sente grande tumulto de gente descer pela escada do palacio, que dando no terreiro do castello, estava chegada á capella, e os passos desta gente para a capella se encaminhavam. D. Nuno queria sahir, mas não o podia já fazer sem de cara a cara se encontrar com os que vinham, e isso é o que D. Nuno de modo algum queria, pois receava,

com razão, ser conhecido de seu pae e de D. Mem Gonçalves, cujas vozes já tinha perfeitamente distinguido; neste aperto, tomou o unico partido que lhe restava a tomar: colou-se á parede de traz da porta, pensando, e com razão, que como todos iam com as caras para o altar, se não lembravam de estar a rever os cantos; quando todos se ajoelhassem a fazer a sua oração, elle facilmente podia sahir, até mesmo sem ser sentido; e quando o fosse, quem se embaraçaria a ir vêr o rosto de um pobre eremito que sahe d'orar d'uma capella?

Com effeito, entrou a comitiva sem ninguem reparar para D. Nuno. No meio da comitiva ia um mancebo todo loução, riquissimamente vestido, a par de uma dama trajada de noiva, cujas feições indicavam padecimento e dôr interna: as feições deste par não eram estranhas a D. Nuno, mas elle não pôde reflectir nellas no rapido instante em que os dous passaram junto d'elle. O coração bateu-lhe apressado no peito, e elle sentiu uma extraordinaria commoção em todo o corpo, sem contudo saber a causa, pois não podia vir-lhe á idéa, que o mancebo era o irmão que ficára no berço, quando marchou para a Palestina, nem tão pouco occorrer-lhe que essa de quem elle ia buscar uma pouca de cinza fria, fosse a dama do noivado. Mas o coração dos amantes costuma ser feiticeiro: ás vezes parece que adivinha; o coração de D. Nuno falla-lhe, mas elle não o entende; a sua razão perturba-se, elle ignora a causa. A vista de seus paes e dos senhores do Neiva fizera-lhe notavel impressão; mas aquelle mancebo, aquella dama... é que causam toda a desordem da sua alma. Já D. Nuno se esquece de sahir, já quer ficar até ao fim, só para reconhecer o par, que tanta impressão lhe fizera.

Acabada a oração, sahe da sacristia o parochio do Neiva, paramentado com pluvial de riquissimo damasco branco, entretecido de ramos d'ouro: chega ao arco cru-

zeiro da capella, e vira-se para o povo: então o mancebo aproxima-se do sacerdote, e D. Mem Gonçalves e sua mulher conduzem a dama pelo braço até junto do sacerdote: este levanta a voz, e diz:

—Aqui estão D. Fernando de Faria e D. Vivilli Mendes, senhora do Castello do Neiva, para se receberem por consortes...

Estas palavras tão cheias de electricidade para o incognito ermitão, dão-lhe a velocidade do raio; elle vòu por entre a turba attónita, chega ao altar, olha para Vivilli, reconhece a n'um momento, e ainda mal crendo no que seus olhos lhe attestam, levanta a voz e diz:

—Não, não será assim; aqui está D. Nuno de Faria, que vem vingar uma injúria... —E em menos d'um átomo vai ao pé das suas armas, arranca a espada da bainha e diz para D. Fernando: —Cavalleiro, puxa da tua espada, vamos a vêr se a minha morte te dá aquella que o meu amor te nega.

E no mesmo instante apresenta-se diante de D. Fernando, que não tinha reconhecido por seu irmão. Extático e absorto estava D. Fernando, vendo diante de si, e apparecido de repente, como sahido d'um sepulchro, um ermitão tão despresivel, e que vinha disputar a mão de D. Vivilli! Igual era o assombro de toda a comitiva; todos estavam como petreficados, e nem tempo, nem dados, nem razão tinham para pensar: olhavam-se mutuamente como perguntando uns aos outros, que successo era este? mas ninguem sabia responder.

D. Pedro de Faria, que no ermitão facilmente reconheceu o filho, assim lhe diz:

—Suspende, Nuno! queres matar teu irmão? E um irmão que em nada é culpado, e em nada te offendeu? Não te deixes levar de falsas apparencias: escuta e attende. Se vês aqui teu irmão e Vivilli para se receberem por consortes, é porque todos te suppunham morto: e se

a viuva é livre para casar, porque o não será a amante? Além de que, este consorcio não foi ordenado pelo coração dos dous conjuges, mas sim por ordem terminante da nossa Rainha e expressa vontade do illustre conde D. Fernando Peres de Trava, que está alli presente, e com a mesma Rainha governa o reino. Vivilli resistiu quanto pôde: seu amor, seu coração eram só para ti...

—Oh! Vivilli, diz D. Nuno, deixando cahir o braço que tinha levantado com a espada; oh! minha cara Vivilli, teu amor, teu coração eram só para mim?

—Sim, meu Nuno, sim, e no meu coração só tu reinavas: a tua lembrança era indelevel na minha alma; e se na apparencia me vês infiel, na realidade não o sou: apesar de te julgar morto, como todos te julgavam, eu não queria ser infiel ás tuas cinzas: para não comprometter meus paes, vim fazer esta ficção, e antes de me juntar com teu irmão, tinha pactuado com Gontrode fugirmos para Vairão, e alli sendo esposa de Jesus Christo, dava-te um rival, que te não podia ser suspeito, nem tambem causar ciumes...

D. Nuno, cahindo de joelhos aos pés da sua Vivilli, assim exclama:

—Anjo do céo, estimadissima Vivilli! perdôa o meu imprudente comportamento, filho da minha paixão! Eu te julgava tambem morta: no dia em que eu vinha dar-te, e a meus paes, uma agradavel surpresa, estava aqui uma defuncta que me disseram seres tu; desesperado, deixei a teus pés as minhas armas, e aquelle retrato d'uma dama, a quem devo a liberdade e a vida, retrato que ella te offerecia; penetrado de angustias mortaes, sem ser visto, nem conhecido de pessoa alguma, fui embrenhar-me no monte de S. Felix; mas como tudo por aqui me recordava a tua perda, determinei deixar sitios de tanta saudade, para ir sepultar-me em vida na pavorosa serra d'Arga, mas queria levar terra da tua sepultura,

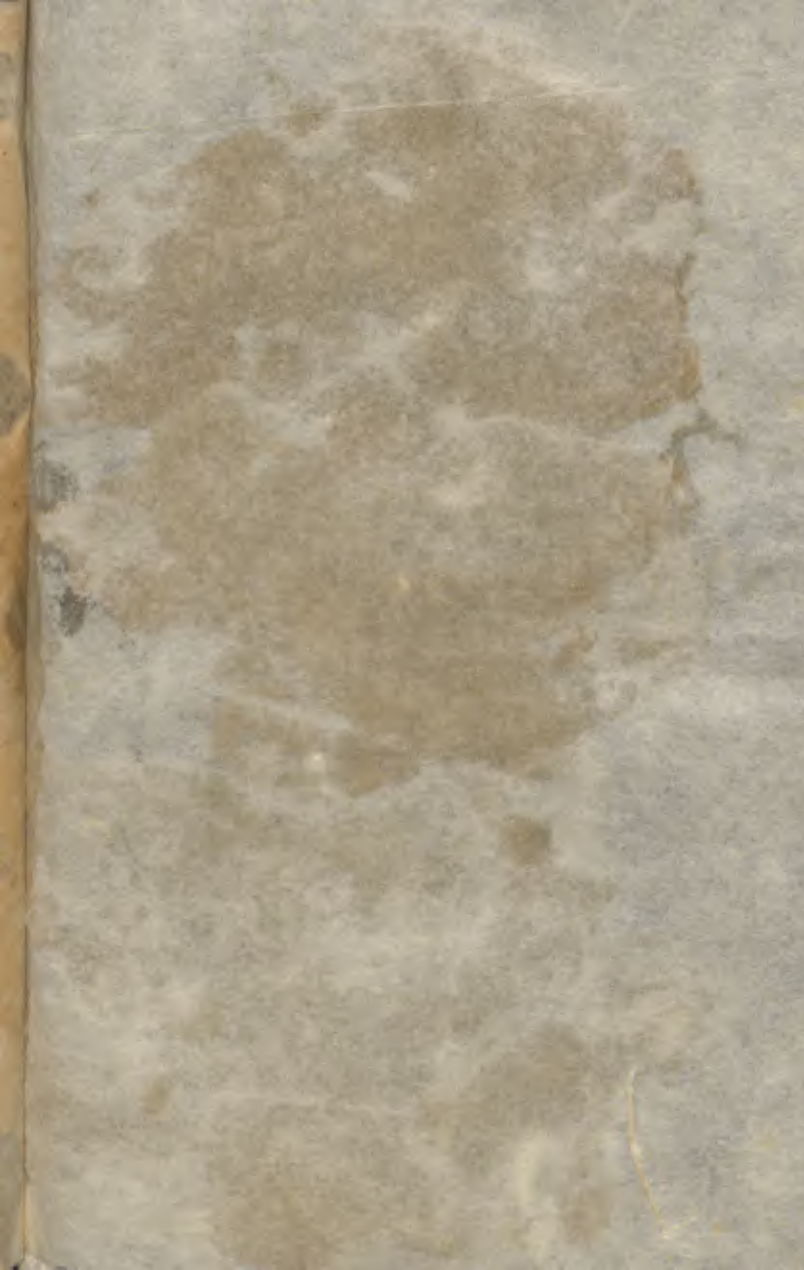
para com ella me sepultar : vim buscal-a hoje, e encontro-te viva... Oh! céos, que nos resta? Unamos nossas mãos, já que nossos corações também o estão.

Os paes dos dous esposos, banhados em inexplicavel prazer, deram o seu consentimento, e foram-no pedir ao conde D. Fernando, que mui satisfeito o outorgou, porque assim ainda fazia mais suas creaturas os dous esposos.

D. Nuno vestido de grosseira serguilha e D. Vivilli vestida de custosissimos vestidos, faziam notavel contraste! Mas assim mesmo os dous suppostos finados receberam a benção nupcial; seus dias foram uma longa serie de felicidade, e para a sua felicidade ser o céu, só lhe faltou seus dias serem eternos.

❧ FIM ❧





VENDE-SE

Em Braga, na Livraria CRUZ—rua Nova
Sousa.

No Porto, na Livraria do sr. Joaquim M.
da Costa, Largo dos Laysos.

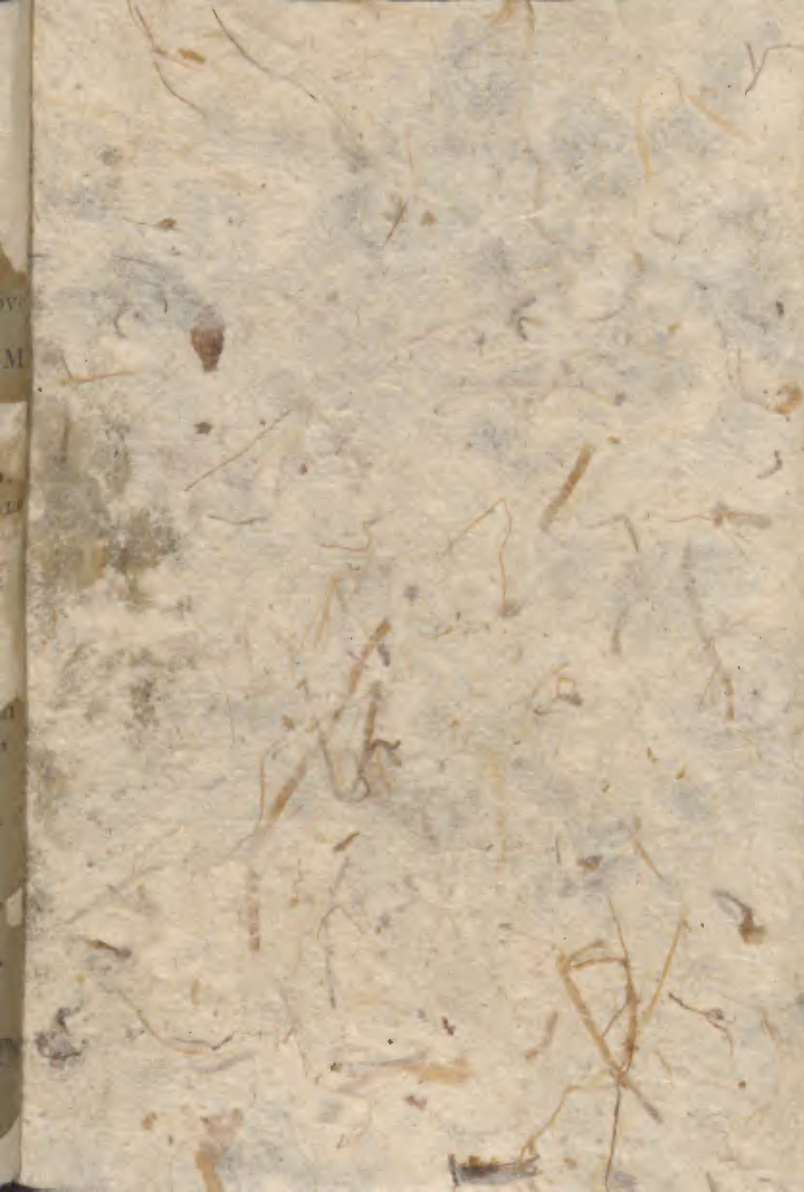
Em Lisboa, na Livraria do sr. A.
Pereira, rua Augusta.

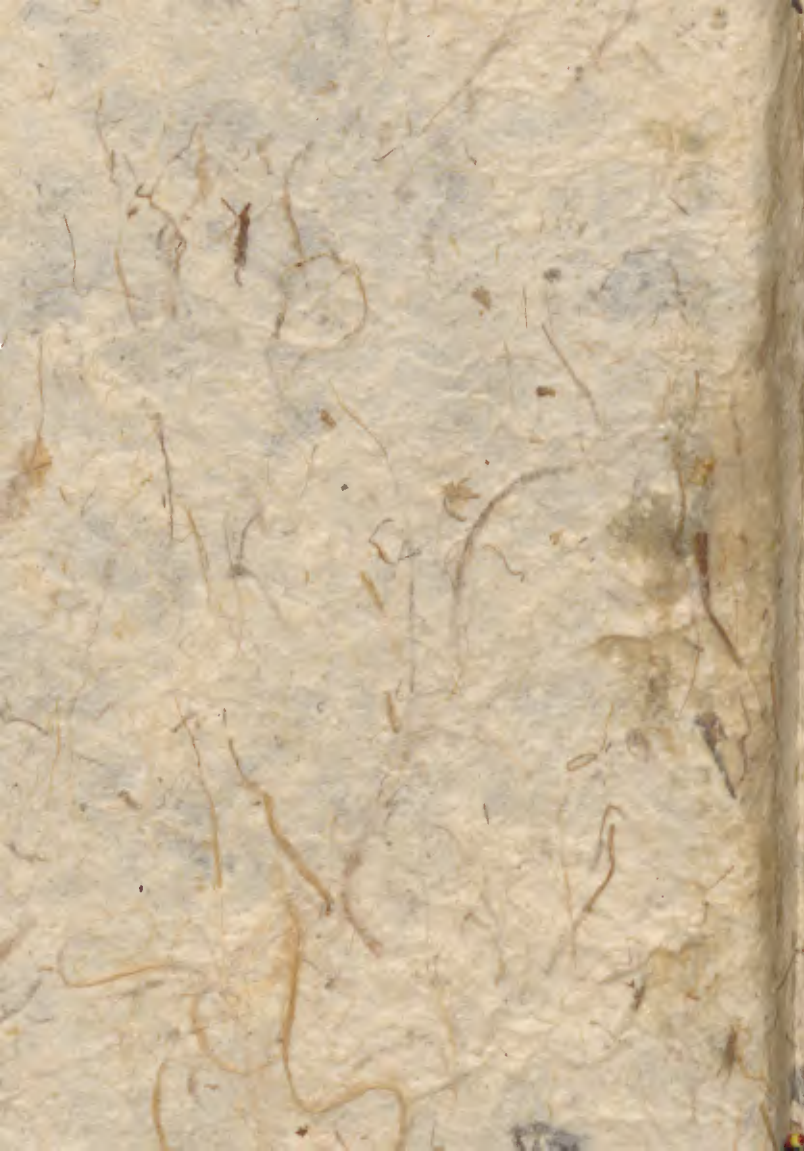
Em Vianna, na Livraria—PROGRESSO—
sr. Baptista Domingues, rua da Bandeira
na do sr. Eliseu G. Preza, rua de G.
Alfonso.

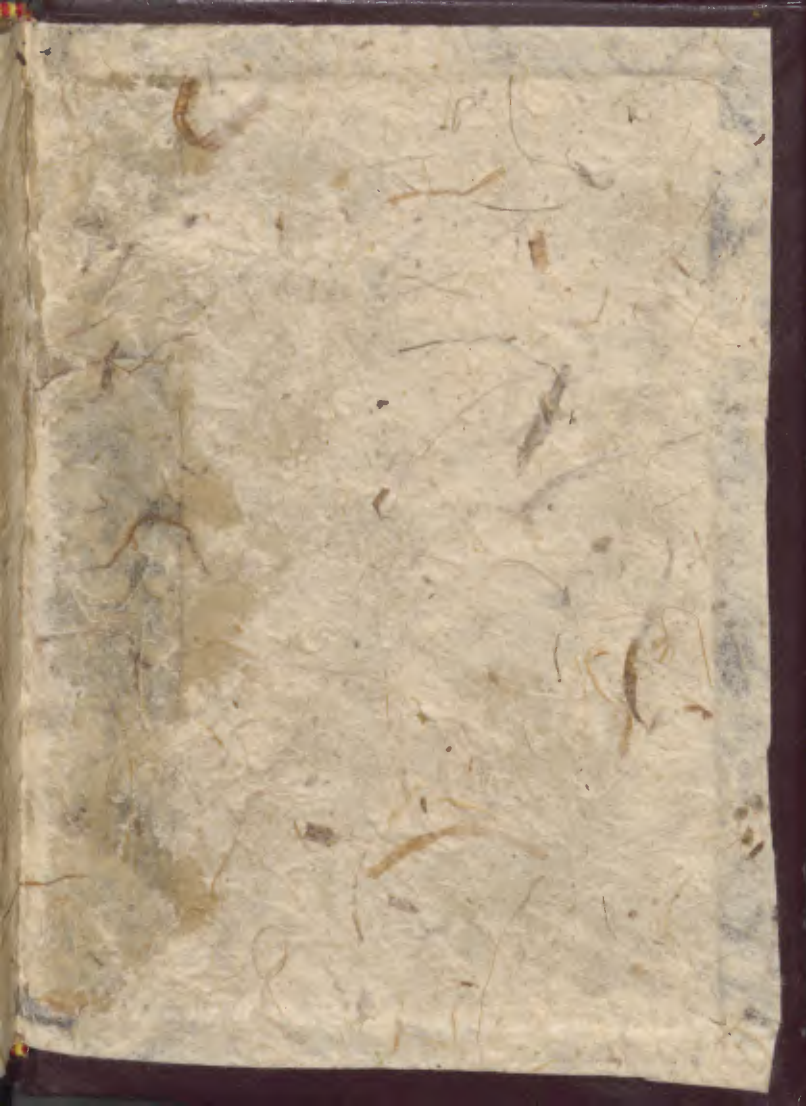
Elementario Orthographico,
rio de nomes proprios de homens,
paes etc.....

*Historia das Apparicoes e Milagres de N.
Lourdes,*.....

Maria fallando ao Coração das donzellas,
do italiano. (No preço).







biblioteca
municipal
barcelon



5774

D. Hualde Torres de Faria ou o
conhecimento de seus fins